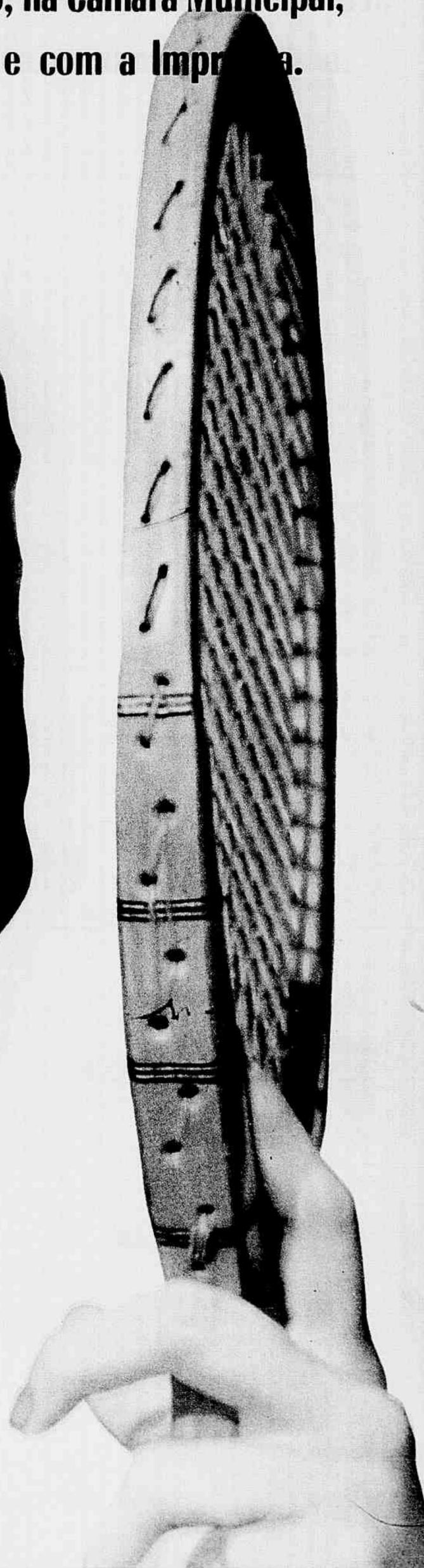


REVISTA DA SEMANA

N. 25 22-6-57 Cr\$ 8,00 em todo o Brasil



NESTE NÚMERO: Craveiro na parada, no Itamarati, nas Laranjeiras, na casa de Roberto Marinho, na Câmara Municipal, no Maracanã e com a Imprensa.



RIO: CIDADE ESTRANGULADA



PRIMEIRA FOTO DE FRANÇOISE SAGAN DEPOIS DO DESASTRE

Andando a 160 quilômetros numa estrada de Fontainebleau, Françoise Sagan sofreu terrível desastre. As primeiras notícias davam como desesperador o estado da jovem escritora. Mas rapidamente ela se recuperou, e não só está fora de perigo como voltou completamente ao normal. Esta é a sua primeira foto depois do desastre. Falando aos jornalistas, Françoise diz que do acidente não sobrou nenhuma lembrança. E que sua paixão pelo automobilismo não diminuiu nem um bocadinho.

P
S
R
S

R
S

T
O
es
p
n

D
D
D
C
P
F
D
L
R

Re
22

No
43
av
No
Mo
tel

◆ há
titu
co/
re p
Da

DIRETOR

Helio Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

◆ **REPORTAGENS**

Navios, aviões e tanques e trinta mil homens	4/9
A sociedade carioca	10/13
«Um morto na rua»	14/16
Copacabana vai levar uma boa vas-sourada	24/27
A campeoníssima Maria Helena	30/35
Drama de uma cidade estrangulada	38/43
Almôço das classes armadas	48/51
Craveiro Lopez na Câmara	52/53
Banquete no Itamarati	54/59

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 400,00
Seis meses	Cr\$ 200,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 650,00
Seis meses	Cr\$ 325,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 800,00
Seis meses	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 8,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 9,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Paginação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Cserência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourerico Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em 16 das localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 89
Fone: 34-1589



◆ **CAPA** — Maria Helena Amorim, embarcou há dias para a Inglaterra onde disputará o título mundial de tênis. É apaixonada por um colunista social. Por tudo isso mereceu uma reportagem (págs. 30 e seguintes) de Haroldo Damasio e Alberto Ferreira.

GUERRA

● Empregar simplesmente essa palavra — guerra — já é motivo de grande tristeza para uma pessoa que ama a Paz, que gostaria de ver o mundo progredir, evoluir, caminhar sem o choro das viúvas, sem a fome das criancinhas órfãs, sem países devastados ou humilhados. O simples emprêgo da palavra guerra — para mim já é sofrimento. Mas que posso fazer se ela está aí, não lá fora em outros pontos do mundo, mas aqui dentro da cidade com essas bombas juninas, êsses fogos que causam sobressaltos, êsse ensurdecador barulho que vem da rua e que encontramos como um perigo no nosso caminho quando chega junho? Uma dessas manhãs uma voz aflita procurou-me pelo telefone: um senhor chamado José Mário Carvalho, de profissão calista, morador na rua Principado de Monaco 88, apt. 302, homem de pressão alta, acabara de almoçar e sentara na varanda de sua moradia quando uma bomba da rua arrebentou a seus pés. O choque foi tremendo: o sr. José está no hospital, paraplético, gravemente enfêrmo. A voz pedia: — proteste, diga alguma coisa. Hoje foi êle, amanhã será você

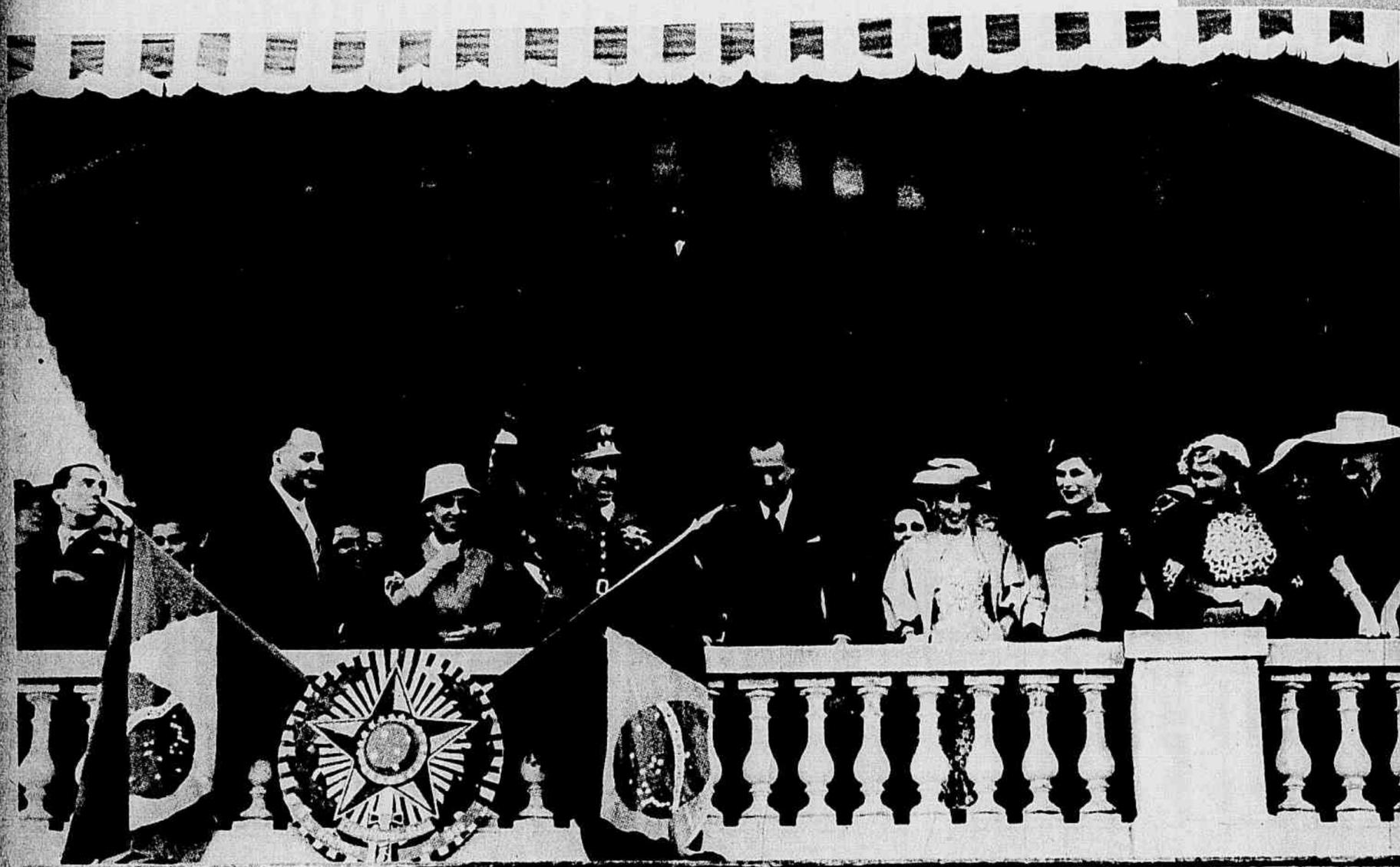
● Protestar, protestar sempre, tem sido uma das tarefas de minha vida, pelo que aqui estou mais uma vez protestando como acontece todos os anos quando chega junho e esta guerra começa. Antes os anúncios da Prefeitura e da polícia: são proibidos os fogos; quem fôr encontrado jogando fogos será prêso; as crianças que jogam fogos serão remetidas ao SAM. Ao SAM? Por que odiar tanto as nossas crianças, impondo-lhes como castigo o castigo maior? Até hoje não compreendi porque são os fogos proibidos e presos os que com êles brincam, sem que nada aconteça às fábricas que os produzem. Não seria muito mais acertado se Prefeitura e Polícia em lugar de prender crianças que brincam com fogos, terminassem com as fábricas que criam êsses monstrenços? As fábricas funcionam livremente; barracas são armadas nos mais diversos lugares para a venda dos famigerados fogos e... se prende quem os compra. Nada para quem os fabrica e os vende. Não é estranho isso?

● Minha rua já foi pobre; quando aqui cheguei havia uma casa de cômodos na vizinhança, crianças descalças, lavadeiras. Agora mudou tudo; é uma rua metida a rica, de soberbos arranha-céus, crianças elegantes e fogos, muitos fogos que começam em maio, arrebentando a todo momento, muitas vêzes com descargas tão violentas como se uma metralhadora estivesse despejando tôdas suas balas mortíferas.

Agora minha rua é metida a rica e creio que os salários de seus moradores é alto, se não o fôsse, onde iriam buscar dinheiro para comprar tantos fogos, tantas cabeças de negro, tantas bombas? Mas enriquecendo, minha rua perdeu não apenas sua pureza inicial (felizmente ainda guardada pelos castanheiros) mas também seu natural lirismo. Nunca mais vi uma "pistola" silenciosamente lançando para o ar aquelas bolas de côr: azuis, vermelhas, verdes. Nunca mais vi aquelas "estrelinhas": um canudinho fino que ia despejando estrêlas, muitas estrêlas como se tôdas tivessem sido pescadas no céu. Agora é a guerra. Uma guerra tremenda onde há vítimas também como o sr. José Mário Carvalho. E pensar que sou profundamente enamorada, defensora e amiga da Paz.

E N E I D A

PELA PRIMEIRA VEZ UMA PARADA MILITAR NA AVENIDA ATLÂNTICA



Juscelino deu realmente um «show» de popularidade. Foi ovacionadíssimo. Recebeu aplausos sinceros e entusiasmados. Na foto ele aparece quando chegava ao palanque em companhia do Presidente Craveiro Lopes, Dona Berta e Dona Sara.

**NAVIOS, AVIÕES, TANQUES
E TRINTA MIL HOMENS
DESFILARAM PARA
CRAVEIRO E JUSCELINO**



(CONTINUA)

AS FORÇAS ARMADAS
SAUDARAM CRAVEIRO E
JUSCELINO KUBITSCHEK



Reportagem de
LUIZ SODRÉ

Fotos de YLLEN KE
HÉLIO POLITO, JOS
ALENCAR e WILSON
LOPES



IN

D

públic

As
vias tr

INDISCUTÍVEL TESTE DE POPULARIDADE DE J. K.



DIZEM que foi o protocolo que exigiu que a parada fôsse em Copacabana. Pois sendo em homenagem à data nacional de Portugal, não poderia se realizar em frente ao Pantheon de Caxias, na Av. Getúlio Vargas. Mas foi o público que saiu lucrando. Principalmente o público da zona sul, pouco acostumado a êsses espetáculos.

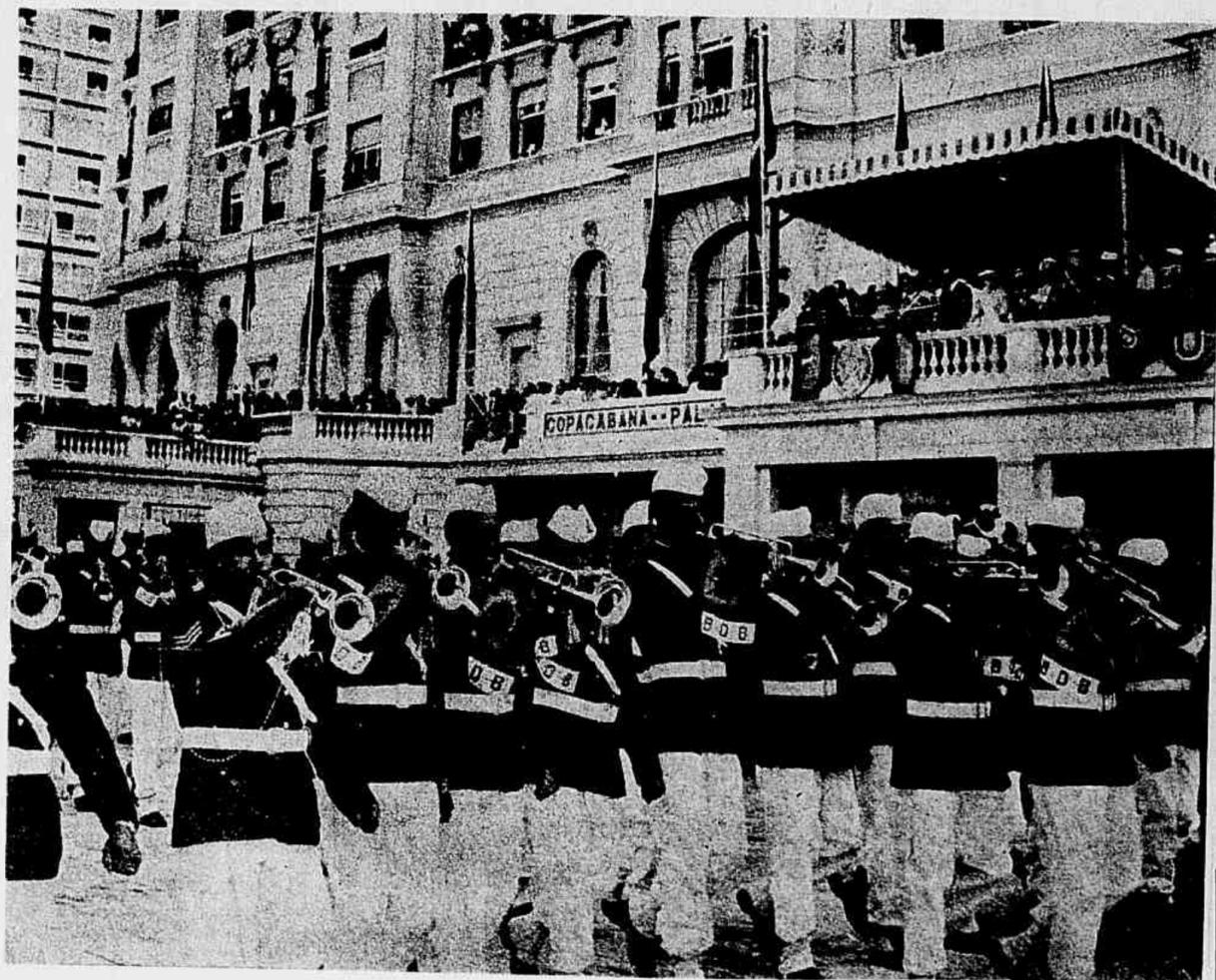
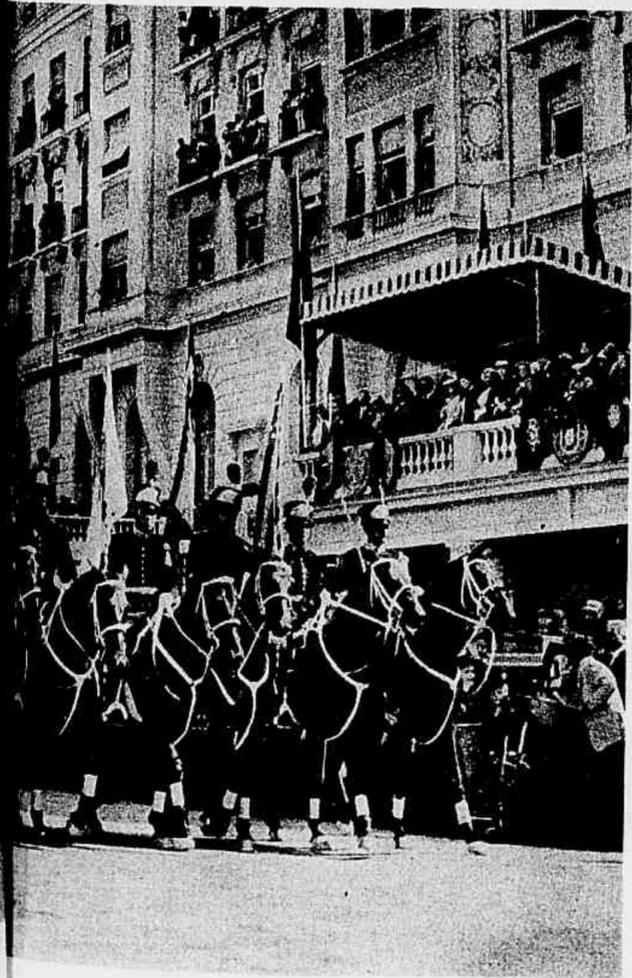


As 10 horas não só a Av. Atlântica, mas tôdas as outras vias transversais e paralelas estavam intransitáveis. Gente de

tôdas as condições, de todos os lugares, com uma só preocupação: assistir à parada.



As 11 horas o carro aberto conduzindo os dois Presidentes deu entrada na Av. Atlântica. A manifestação então prestada foi realmente fabulosa. Há 2 anos atrás, em plena campanha eleitoral, não poderia de maneira alguma o sr. Juscelino antever que ainda se transformaria num Presidente com tal popularidade. A simplicidade impressionante do sr. Juscelino Kubitschek (inalterada mesmo depois de quase dois anos de





EDIFÍCIOS LOTADOS, MARQUISES APINHADAS



Catete) é um dos grandes fatores da sua indiscutível popularidade.



Todos os moradores da Av. Atlântica tinham convidados no dia da parada. As sacadas coloridas, enfeitadas, povoadas de um público vibrante, que não se cansava de encher a rua de confetes, serpentinas e papéis pintados.



A parada foi um sucesso. Aeronáutica, Marinha e Exército desfilaram com o garbo habitual. Mas é justo que se destaque a banda do Corpo de Fuzileiros que dois dias depois daria um "show" monumental no Maracanã.



Surpreendentemente o tráfego andou bem. Pouca confusão, guardas atenciosos, nenhum congestionamento. Parabéns.



O Presidente Craveiro Lopes ficou emocionado com a homenagem que o povo lhe prestou em plena Avenida Atlântica. Foi apertando a mão de todos que encontrava. Espalhava simpatia, não podia esconder a felicidade. Por mais que lhe dissessem que o Brasil e Portugal eram amigos e irmãos, a verdade é que imaginar a recepção que teve era tarefa acima das forças de qualquer um.



AE MUITAS FLORES DESABANDO DAS JANELAS





A SOCIEDADE CARIOCA (no solar Roberto Marinho) RECEPCIONOU CRAVEIRO LOPES E JUSCELINO KUBITSCHKEK

NOITE DE BOM GÔSTO ★ 462 CONVIDADOS NA RECEPÇÃO MAIS ELEGANTE DOS ÚLTIMOS TEMPOS ★ UM «SHOW» DE CARLOS MACHADO

Reportagem de HAROLDO DAMASIO

D. Berta Craveiro Lopes e D. Sara Kubitschek. Duas rainhas autênticas. Dominadoras. Charmosas. Personalíssimas. Encantadoras. Fascinantes. Portugal e Brasil orgulhosos de suas primeiras damas. Em baixo, o Presidente Craveiro Lopes cumprimenta Ester de Abreu. Roberto Marinho assiste sorridente.





Adauto Lúcio Cardoso, Mem de Sá e Alkmim. Oposição e Governo. Mas acima de tudo, amigos que se juntam para homenagear o Presidente de um país irmão. Em baixo: Glorinha Drumond e o sr. e sra. Hélio Guerreiro. A sra. Guerreiro foi das mais bonitas da noite.



Roberto e Estela Marinho cumprimentam Dona

NA cinematográfica mansão do Cosme Velho o sr. e sra. Roberto Marinho, em nome da sociedade brasileira, recepcionaram o Presidente e a sra. Craveiro Lopes. Foi a homenagem mais «exclusive» de quantas foram tributadas ao ilustre chefe de Estado. Prestigiando o acontecimento lá estavam (entre os 462 convidados), o Presidente da República e sra. Sara Kubitschek, o Prefeito do Distrito Federal e sra. Negrão de Lima, ministros e ex-ministros, embaixadores, diplomatas, senadores, deputados, membros da Academia Brasileira de Letras, oficiais-generais das nossas Forças Armadas e as mais expressivas e atuantes personalidades do nosso «society».

Foi uma noite de bom-gosto e distinção e bem representativa do elevado grau de civilização que nós alcançamos em matéria de recepção.



Sara. À direita: Nereu Ramos beija a mão da anfitriã. Roberto Marinho, ao lado, deixa transparecer toda a alegria do «hostess» bem sucedido.

Quis o anfitrião esmerar-se nesta homenagem ao Presidente Craveiro Lopes e, verdade se diga, saiu-se muito bem. Além do «decor» realmente maravilhoso, apresentado, à excelência do serviço e a elegância do acontecimento, não faltou, também, a presença de um «show» sob a direção de Carlos Machado.

Duas das mais expressivas intérpretes das músicas portuguesas e brasileiras estiveram presentes com suas vozes e talento: Ester de Abreu e Ângela Maria. Depois do «souper», um conjunto musical, tendo ao piano, Paulo Burgos, tocou para danças. Nesta simpática noite destacaram-se pela elegância e beleza, as senhoras: Paulo Cunha, Stela Marinho (a «hostess»), Iêda Schmidt (com um Dior autêntico); Candinha Silveira (com um amarelo); San Tiago Dantas e Glorinha Drumond («glamourosa»). A mais elegante da noite, a sra.

Alvaro Catão, realmente em uma noite excepcional.

Entre os senhores: os embaixadores Marquês D'Ajeta (Itália) e de Espil (Argentina); os senadores Gilberto Marinho e Filinto Muller, os deputados Carlos Luz e Adauto Lúcio Cardoso; os diplomatas Carlos Lôbo e Carlos Eiras; e os «hidráulicos» Álvaro Catão, Harry Stone e Herbert Moses.

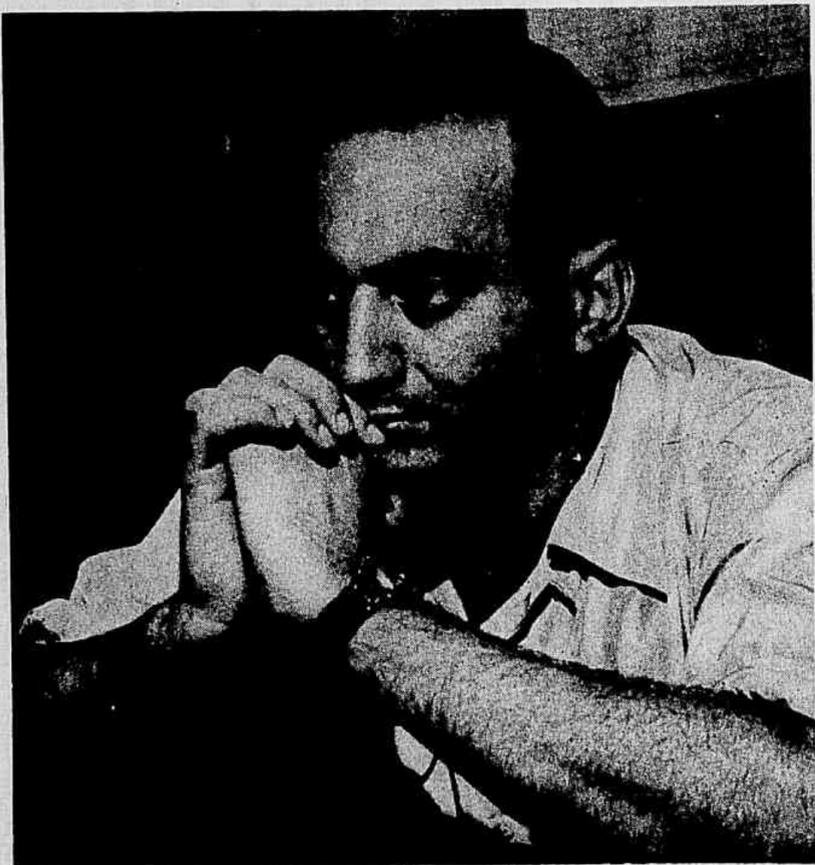
O Presidente Craveiro Lopes, contrariando o protocolo, demorou-se mais do que devia na festa e somente se retirou depois das duas horas, quando devia ter saído à uma. Os outros convidados, como de hábito, se despediram depois das quatro.

Eunice Modesto Leal e Celinha Singery (muito bonitas) conversam com o poderoso Silveirinha.



ILELI VOLTA AOS ESTÚDIOS:

“UM MORTO NAS RUAS”



COM A HISTÓRIA DE UM REPÓRTER QUE MORREU PARA DESMASCARAR A INDÚSTRIA DOS ATESTADOS-DE-ÓBITO, JORGE ILELI VAI RESSUSCITAR CINEMATOGRAFICAMENTE E DESMENTIR OS QUE DIZEM MAU NEGÓCIO O FILME «SÉRIO» ★ MIRO CERNI E O RIO DE JANEIRO JÁ ESCALADOS PARA OS PRINCIPAIS PAPÉIS ★ CINCO MEDIDAS PARA O SURTO DE UM CINEMA DE VERDADE NO BRASIL

Reportagem de ELY AZEVEDO

S

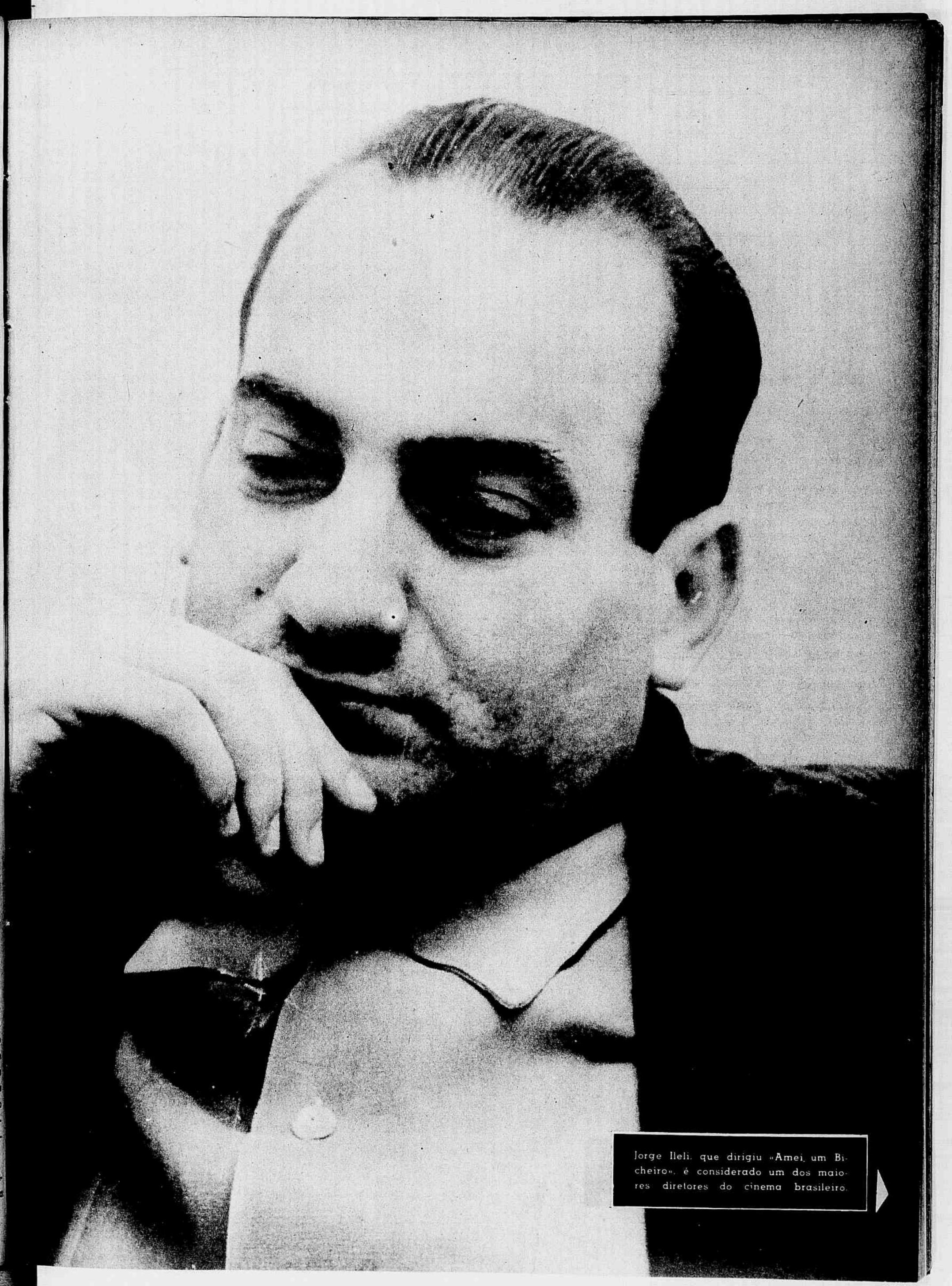
E algum espectador ainda tem dúvidas quanto ao caráter maligno do protecionismo indiscriminado ao cinema no Brasil, mudará de opinião imediatamente ao comparar a situação (de prosperidade e euforia) dos fabricantes de «abacaxis» com a dos responsáveis pelas experiências mais honestas e dignas. Cavalcanti, de quem discordamos freqüentemente, mas que trouxe grandes esperanças e curiosidade internacional para o filme brasileiro, graças às qualidades, principalmente técnicas, que éle (caso de «Caiçaras» e, em menor escala, «Terra é Sempre Terra») e sua equipe deram à produção da Vera Cruz — só colheu aqui infâmias e desilusões. A certa altura, inteiramente despreparado para se orientar no cipal de intrigas e mediocridades de um «cinema» de improvisação e vigarismo, já não sabia distinguir os amigos dos inimigos, os críticos francos dos lisonjeadores interessados. Passou a cometer erros sobre erros, a hostilizar os que não o adulavam, e, apesar das boas intenções de «O Canto do Mar», só voltou a acertar uma vez: ao comprar passagem de ida, sem volta, para a Europa. Talvez nunca mais seja o mesmo Cav que conquistou as páginas da História do Cinema com suas atividades francesas e inglesas.

Lima Barreto, apesar do sucesso mundial do admirável «Cangaceiro», até hoje não conseguiu capital suficiente para seu ambicioso «O Sertanejo». Oswaldo Sampaio, com tôdas as qualidades que revelou como

roteirista e «vice-diretor» de «Sinha Moça» (de Tom Payne) e como diretor no imperfeito (mas promissor) «A Estrada», ainda não teve outra oportunidade. O mesmo aconteceu com os responsáveis pelas nobilíssimas aventuras no terreno do desenho animado (Anélio Latini: «Sinfonia Amazônica») e do filme para crianças (Rodolfo Nanni: «O Saci»).

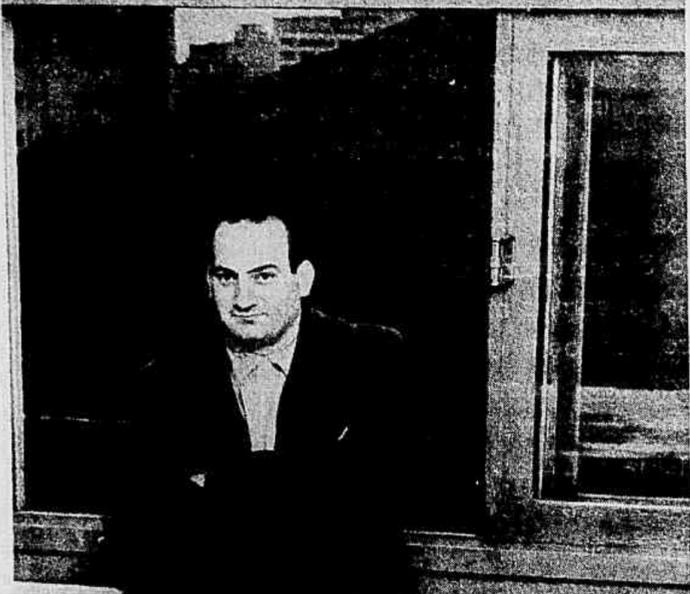
O CASO ILELI — A lista melancólica dos «indesejáveis» cresce em número e significação com o caso de Jorge Ileri. Como não dirige desde sua primeira experiência, em 1953, é mais conhecido como milagreiro que como cineasta. Conseguiu realizar no terreno de indigência técnica e intelectual da Atlântida, um filme bem construído, com brilhos de imaginação e humor, com momentos de autêntica emoção. Seu primeiro filme foi tudo isso. Não muito para Hollywood ou Paris, porém excessivo para a Atlântida, para uma produção que a começar pelo título, «Amei um Bicheiro», estava condenada ao ridículo. Se o título era pena de morte, os principais atores (Cyl Farney, Eliana) eram a negação do indulto, o sete (odiado pelos amigos do bom cinema) era o patíbulo armado, o orçamento era a corda apertando o pescoço, e o tempo de filmagem era o chão se abrindo sob os pés. No último instante, à fôrça de fé no cinema e em suas possibilidades, Ileri conseguiu romper a corda.

CONSAGRAÇÃO — A crítica (a boa crítica) fez justiça. Pela primeira vez, discutiu-se em termos de bom cinema, um trabalho da



Jorge Ileri, que dirigiu «Amei, um Bicheiro», é considerado um dos maiores diretores do cinema brasileiro.

ILELI VOLTA AOS ESTÚDIOS



Sincero, coerente, digno. Ilei é homem que acredita no trabalho como grande fator de realização.

marca Atlântida. Ilei praticamente reescrevera a história, dera destaque ao inteligente José Lewgoy e oportunidade dramática ao sempre desperdiçado Grande Otelo, neutralizara ao máximo Eliana, controlara ditatorialmente Cyl Farney, fizera em quase todas as seqüências cinema fluente e comunicativo. Paulo Wanderley («Maria da Praia»), hoje afastado, dividiu com Ilei a batalha da direção, trazendo o lastro de sua veterana experiência na ala honesta de nossa produção.

No Festival do Distrito Federal, «Amei um Bicheiro» recebeu quatro prêmios: «melhor filme», «melhor direção», «melhor fotografia», «melhor interpretação masculina» (José Lewgoy). O júri do prêmio «Governador do Estado» (São Paulo) outorgou «menção honrosa» a Jorge Ilei por sua estréia na direção. E o público prestigiou o filme. Mas o «abacaxi», igualmente protegido por lei, dá lucro mais fácil. Incompatível com esse produto, o cineasta-revelação preferiu a inatividade. Quatro anos de inatividade. No cinema brasileiro a atividade mais honrosa ainda é cruzar os braços.

CINE-JORNAL E JORNALISMO — Enquanto esperava, para não perder contato com o cinema, Ilei preferiu aceitar pequenos expedientes. Surgiram várias propostas para direção de filmes de enredo, mas se enquadravam na classificação de sub-cinema. Preferiu trabalhar modestamente na curta metragem: documentários e cine-jornais. Em curta permanência à frente dos cine-jornais da Cinegráfica São Luís, emprestou dinamismo, bom-gosto e atualidade a esse gênero desprezado.

Esse gosto pela atualidade, pelas coisas vivas e autênticas, tendia a desaguar no jornalismo — celeiro onde nosso cinema terá de se nutrir algum dia, se, como a ala realista italiana e americana, quiser introduzir a vida nacional em sua temática. Ilei começara a fazer crítica em 1949, em «Diretrizes». Em 1951 ingressou no mensário «A Cigarra». Chocado com a prosperidade e impudicícia dos oportunistas «oito-por-um», fez, em princípio do corrente ano, violenta reportagem manifestando sua repugnância. Já estava entusiasmado com as possibilidades da inteligência na imprensa e, coadjuvando Herberto Sales, tomou parte ativa na recriação de «A Cigarra» — a admirável realidade de hoje.

Mas a efervescência cinematográfica não morreu. O antigo frequentador do Centro de Estudos Cinematográficos e fundador do Cine-Clube Carlitos é desses cujo amor ao cinema não morre com longas férias não remuneradas. Nem com as desilusões: projetos que se frustram, argumentos que ficam no papel, filmes que não chegam ao fim. Antes do «Bicheiro», foi assistente de direção de Rui Santos e Alex Viany em «Aglaiá», e de José Carlos Burle em «Sonho de Outono» — obras incabadas. Escreveu «Vidas em Jogo», que a Atlântida comprou e engavetou.

«UM MORTO» AMBICIOSO — Finalmente surgiram condições favoráveis em coincidência com uma grande idéia inspirada em reportagens de Calazans Fernandes, na «Tribuna da Imprensa». Esse repórter «morreu» para desmascarar a indústria dos atestados de óbito. Com

tal ponto de partida, Ilei concebeu um argumento cheio de «suspense» e originalidade. O filme «Um Morto nas Ruas», ex-«Um Morto está nas Ruas», ex-«Morto-Vivo», terá personagens legítimos: jornalistas em luta para alimentar a insaciável fome de notícias das rotativas, «papa-defuntos», um médico desonesto, etc.

O humor macabro da seqüência do velório de «Amei um Bicheiro» vai dar um acento **hitchcockiano** ao drama. «Será um filme na linha do «Bicheiro» — diz Ilei. «Ficarei satisfeito se tiver a mesma qualidade do «Bicheiro». Mas, embora só fale naquele filme com o amor especial que os pais dedicam aos primogênitos, tudo indica que «Um Morto nas Ruas» será no mínimo um passo à frente. Será cem por cento seu: produção da «Ilei Filmes». No papel central do jornalista, um ator de sua confiança: Miro Cerni. Economicamente, será um filme modesto, preparado com carinho, longe do caos da Atlântida. O trabalho de filmagem está previsto para dois meses. O diretor do «Bicheiro» tem uma grande ambição: fazer a cidade **participar** do drama. «Um Morto nas Ruas» terá muitos exteriores. Admirador de Jules Dassin, gostaria de fazer com o Rio o que o grande cineasta fez com Nova York («Cidade Nua») e Paris («Rififi»). É especialmente sensível ao humor trágico da última seqüência de «Rififi», com o criminoso que se esvai em sangue dirigindo vertiginosamente pelas ruas de Paris para devolver são e salvo o filho do companheiro, as árvores negras recortadas contra o céu simbolizando a vida que escorre célere, o menino alvejando-o repetidamente com o revólver de brinquedo.

5 CINCO PERGUNTAS — P. — O que pretende fazer após «Um Morto nas Ruas»?

R. — Uma comédia com Grande Otelo. «Sua Excelência, o Contínuo».

P. — E se tivesse recursos para uma grande produção de classe internacional?

R. — Filmaria «O Jagunço», história de Herberto Sales.

P. — Como nasceu sua paixão pelo cinema?

Ilei não responde exatamente a essa pergunta, mas diz-se particularmente impressionado com filmes que correspondem a suas «imagens da infância». Curiosamente, encontra afinidades dessas «imagens» em obras tão adultas e cruéis como «Brinquedo Proibido» e «Sciuscìa» — que aqui passou como «Vítimas da Tormenta». Também cita «O Balão Vermelho» e «Shane» — «Os Brutos Também Amam».

P. — Quais os filmes que mais gostaria de rever?

R. — «Brinquedo Proibido», «Adúltera» (Le Diable au Corps), «O Boulevard do Crime» (Les Enfants du Paradis) — do cinema francês. «Ladrões de Bicicletas» — do italiano. «Desencanto» (Brief Encounter) — do inglês. «Luzes da Cidade», «Monsieur Verdoux», «O Tesouro de Sierra Madre», «Vinhas da Ira» (Grapes of Wrath), «Cidadão Kane», «O Morro dos Ventos Uivantes», «Consciências Mortas» (The Ox-Bow Incident) — de Hollywood. Mas não apresente isso como uma lista dos «melhores de todos os tempos». O critério é mais afetivo que crítico.

P. — Se tivesse todos os poderes na mão, que medidas tomaria para salvar o cinema nacional?

R. — 1) Limitaria o certificado de «Boa qualidade» e, conseqüentemente, a proteção da lei «oito-por-um», aos filmes de qualidade. 2) Criaria uma distribuidora única para os filmes nacionais, mediante associação dos produtores. 3) Reformaria as disposições atuais sobre ingressos criando três categorias: cinemas de grande luxo, sem tabelamento, pois impedir que o rico pague mais que o pobre é demagogia; cinemas médios com os preços máximos atuais; e cinemas populares bem baratos. 4) Lançaria escolas para treinamento de novas equipes. 5) Traria para o cinema os melhores elementos de outros setores: jornalismo, literatura, etc. Filtraria o elemento humano atual, eliminando sumariamente os aventureiros.

Pondo de lado essa hipotética onipotência, mas lembrando a próxima concretização do sonho «Um Morto nas Ruas», deixamos nas mãos de Jorge Ilei uma grande responsabilidade: realizar uma luta melhor que «Amei um Bicheiro», evitando que 1957 seja outro ano em branco no calendário do cinema carioca.

SOCIEDADE

Por JEFF THOMAS



O galante Dirceu (também conhecido como «Di querido») e a suspense Doris formam um par que vem circulando com muita insistência e se transformando no assunto de todas as colunas e de todas as conversas.

**DIRCEU FONTOURA E DORIS JUNQUEIRA,
O ROMANCE MAIS COMENTADO DO ANO ▶**



A Senhora Lêda Galliez (com um Dior negro, autêntico) entre os senhores Hélio Muniz e o «host» Horácio Klabin.

DEDICO minha coluna desta semana ao "souper" de Beki e Horácio Klabin, já batizado por mim como o mais "suspense" da "saison". Foi na última quinta-feira de maio que aconteceu essa "soirée-snob" no grande (duplex) e bem decorado apartamento dos Klabin, situado na Avenida Atlântica. Fui um dos primeiros convidados a chegar (obedeço sempre o horário do convite), como também um dos últimos a sair. A minha amiga Beki, que considero a Perla Mesta brasileira, funcionou como perfeita "hostess" para seus convidados que eram em número de cem. Transitando pelos salões, fui entrando em contato com as figuras do "estado-maior" do "High-Society" presente, e entre minhas observações, estão:

◇ O ROMANCE que o milionário paulista Dirceu Fontoura iniciou nessa noite com a mineira Doris Junqueira, que tem

OS KLABIN RECEBEM O "HIGH-SOCIETY"



Vera Mora, numa grande noite, aparece com Benjo Arbib.

toneladas de classe. Esse foi o "gossip" mais comentado, e o "furo" dei na minha coluna de "A Noite".

◇ A ELEGANCIA da senhora Lêda Galliez, usando um autêntico modelo negro de Dior. Lêda foi a elegante mais "suspense" presente.

◇ O REAPARECIMENTO do casal Joaquim Monteiro de Carvalho. Eles chegaram atrasados; ela usando óculos escuros estava numa grande noite. Evinha está muito parisiense.

◇ HORACIO KLABIN, o "host", usando um colête branco, enquanto o sr. Cristoffel Kallay usava colête vermelho.

◇ TURQUINHA MUNIZ numa noite de muito "glamour", re-presentou bem a elegância da mulher paulista.

◇ A MULHER MAIS Elegante do Brasil: Lourdes Catão, com sua beleza fascinante usava um bonito vestido negro.

◇ O "BUSINESS-MAN" Ernest Waller e senhora, foram dos primeiros a chegar e dos primeiros a sair. Eles tinham um "dinner" marcado.

◇ A "HOSTESS" impressionou seus convidados com sua simpatia, elegância e categoria. Beki estava de negro (a cor favorita da noite) com um colar de pérolas de três voltas. Seu novo corte de cabelo (muito curto) fica-lhe muito bem!

◇ ARMIN BERNARD com Alberto Lee e mais Murilinho de Almeida fizeram o "show" da noite. Mas a "vedette" mesmo foi o Murilinho.

◇ O CASAL ALBERTO Bianchi esteve presente. Olga, bonita e elegante, falou das novas promoções de Alberto no setor de turismo.

◇ E PARA FINALIZAR, essa minha coluna sobre o "cocktail souper" dos Klabin, informo para vocês que foi uma promoção de grande categoria. Trata-se, como disse, do mais "suspense" "souper" da "saison".

◇ ATÉ A PRÓXIMA.



Oscar Simon, na biblioteca dos Klabin, conversa com a senhora Berta Leitchik. Oscar Simon é um intelectual.



O colunista conversa com a elegante paulista Turquinha Muniz, observado pelo sr. Muniz, senhora Lêda Galiez e Horácio Klabin.

PARA UM "SOUPER"

O jovem sr. Franzio Sales drincando com o sr. Oswaldo Schuck, no «souper» mais «suspense» da «saison».



Beki Klabin, sorridente e feliz, observa qualquer coisa com Murilo de Almeida. Murilinho foi o «show» da noite.



Beki Klabin, a «hostess» dessa suspense «soirée-snob», conversa com o Embaixador de Portugal, Sr. Antônio Faria.



Jeff Thomas com a jovem condessa Modesto Leal

GRANDE FOCO

Transcrito do livro «RACIONALISMO CRISTÃO» (Continuação do número anterior)

É essa uma das expressões reveladoras do senso religioso materializado, que desejaria nivelar o espírito, no mais alto grau de evolução, no estado absoluto de perfeição, com um ser de grosseira imagem, que, em atitude patriarcal, com o filho «sentado» do seu lado direito, se dispusesse a presidir o julgamento dos outros séres!

Esta concepção, tomada como ridícula pelos séres que atingiram determinado grau de evolução, é aceita, com naturalidade, pelos adoradores.

O conceito da divindade varia de raça para raça. O negro da civilização americana concebe um deus à sua semelhança; o amarelo e o branco um deus branco. E isto é verdade tanto para a concepção física como para a moral. A forte tendência é a de fazer a imagem de um deus, como uma espécie de espírito-rei, sempre, porém, com as mesmas características morais daquele que formou a imagem.

Na bíblia, no velho testamento, livro sagrado para certos adoradores, há várias referências ao deus da época, de temperamento iracundo e vingativo. Esse vergonhoso sentimento, especialmente para um deus, não é mais que o reflexo do sentimento do próprio povo. Assim são, também, os adoradores de hoje; o seu deus, como naquele tempo, reflete o seu sentimento.

A falta de conhecimentos impõe certa condição de dependência. Esta verdade se constata na vida de relação terrena, e é mais evidente ainda, quando envolve questões do espírito. E o que interessa realçar é, justamente, o modo pelo qual o ser processa a sua marcha evolutiva, em que conquista, passo a passo, a sua independência espiritual.

Quando a criatura, de evolução em evolução, chega a compreender que, como espírito, é força, inteligência e poder; que dispõe dos atributos morais para vencer quaisquer situações, racionalmente; que faz parte integrante de um Todo harmônico, como partícula que é da Força Universal, caem por terra as idéias primitivas de um deus protetor, ilusório, corpóreo, irreal ou fictício.

As religiões perdurarão enquanto houver adoradores para sustentá-las, sejam estes dos astros, dos elementos da natureza, de animais irracionais, das imagens de barro, ou alegóricas, ou do pensamento. Adoradores, são todos membros de uma mesma classe, embora de diferentes graus; são candidatas a reencarnações sucessivas neste laboratório psíquico, até que, pelo amadurecimento do espírito, para as questões terrenas, possam compreender a realidade da Vida.

Retardar alguém o conhecimento da vida fora da matéria é retardar o seu progresso espiritual, é fugir ao dever, desde que se recuse a enfrentar a oportunidade, quando ela se oferece.

No conhecimento da vida fora da matéria estão os lúcidos argumentos de convicção que fazem desaparecer as concepções de caráter divino, que trazem o espírito sob o jugo do sobrenatural, do mistério e do milagre.

A humanidade tem necessidade de compreender que não há conhecimentos secretos; há interesses secretos, inconfessáveis, e por causa desses interesses tem a Verdade sido sacrificada.

A Verdade não está na concepção deísta, divinal, de sentido adoratório.

O Espírito é Força, é Inteligência, é Poder. Não há espíritos privilegiados, como seriam os deuses e supostos filhos dos deuses; a evolução enquadra-se no regime das Leis Naturais e Imutáveis que é igual para todos; invariavelmente, todos seguem o mesmo curso, percorrem o mesmo ciclo, e nisto está um princípio de Justiça, indestrutível.

Os adoradores que hoje adoram um deus abstrato, acharão, ao cabo de tantas encarnações quantas forem precisas para atingir o necessário esclarecimento, que é tão ridícula a idéia, que já foi sua, de adorar deuses representados por elementos da natureza ou por animais irracionais, ao tempo das suas encarnações primitivas.

(Cont. no próx. número)

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-lo nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BEL-HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pincheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BEL-HORMON»
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

Loção XAMBÚ
DA BELEZA E VIGOR AOS CABELOS CONTRA A CASPA E CABELOS BRANCOS EXITO GARANTIDO

LEIAM

EU SEI TUDO

TODOS OS MESES

PREÇO: CR\$ 10,00



APRENDA A DANÇAR

Chá-chá-chá — Dois e Um — Guaracha — Bolero — Marcha — Rumba — Swing — Samba — Tango — Mambo — Baião — Chôro — Valsa — Fox — em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 8ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo, Cr\$ 110,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

FALANDO AO LEITOR

O Sr. Jorge Moreira quer saber a razão da campanha que fazem contra Maria de Lourdes Monteiro. Não sabemos, Sr. Jorge. Mas apesar de tudo, ela continua como uma das mais fortes candidatas ao título de Miss Brasil.

★

Alberto Ferreira, um dos mais jovens e mais completos repórteres fotográficos, integrante de nossa equipe, quebrou a perna quando fazia uma reportagem. Passará 45 dias com a perna engessada.

★

O Sr. Márcio Souza Mendes escreve para elogiar a reportagem de Mauro Braga, «Guerra e Paz».

★

A Sra. Nilza Raulino Pereira elogia muito a seção social de Jeff Thomas «um dos melhores e mais bem informados colunistas da imprensa carioca».

★

A cobertura da chegada e da estada de Craveiro Lopes no Brasil foi feita para a REVISTA DA SEMANA por Yllen Kerr, Helio Polito, José de Alencar e Wilson Lopes.

★

O Presidente português ainda visitará São Paulo, Rio Grande do Sul e outros Estados antes de regressar. A informação é para o Sr. Bernardino Rodrigues.

★

O Sr. Narcélio Carvalho quer saber o que acontecerá às pessoas que não trocarem seus títulos eleitorais. As penas previstas na nova lei são severíssimas, Sr. Narcélio. Não custa nada trocar o título e já nas próximas eleições exercer orgulhosamente o direito de escolher os dirigentes do país. Votar é mais do que um dever: é um direito conquistado penosamente.

★

Resposta para o Sr. Antônio Salviano: a Loteria Federal já começou novamente. A demora prendia-se a questões com a Carteira de Colonização do Banco do Brasil.

★

A Sra. (ou senhorita?) Alda Leite Etchenique, numa carta muito simpática, elogia a nova Revista da Semana. Principalmente as reportagens políticas, e a cobertura dispensada ao teatro e ao cinema. Muito gratos.

★

O Sr. Gilberto Miranda Rêgo quer saber o endereço (ou o telefone) de Emilinha Borba. Desculpe, mas não sabemos.

★

O Sr. Roberto Mourão de Sousa pede uma capa e uma reportagem com a cantora «a maior do Brasil», Dóris Monteiro. Já saiu, Sr. Roberto. Precisamente no número 15, de 13 de 4 de 1957. Se o Sr. passar pela redação lhe ofereceremos um exemplar dessa revista.

O ROTEIRO DO PROGRESSO E A RIQUEZA CONDUZIRA
VOCÊ AO
LOTEAMENTO CIDADE **BEIRA-MAR**

POR APENAS

Cr. \$ 100,00
MENS AIS

V. TERA' SEU TERRENO!



Registrado e escrito no Decreto-Lei 58 sob o nº 1,
fôlhas 1 a 4 no Cartório do 2º Ofício de
Casimiro de Abreu.

Situado na mais linda Praia do Oceano Atlântico.

Cortado pela mais bela Rodovia do Estado do Rio.
A maravilhosa Amaral Peixoto, TÔDA ASFALTADA.

Onde você pode praticar a coqueluche do mo-
mento, a pesca submarina.

Caça em abundância. Matas, Rios e Florestas.

INFORMAÇÕES E VENDAS

Cia. Brasileira de Melhoramentos, Urbanização e
Planejamentos

Rua Araújo Pôrto Alegre, 56, sobre-loja, g/2
Tel. 32-9933

Literatura e arte

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

POESIA

Libertação

*Menino doido, olhei em roda, e vi-me
Fechado e só na grande sala escura.
(Abrir a porta, além de ser um crime,
Era impossível para a minha altura...)*

*Como passar o tempo?... E diverti-me
Desta maneira trágica e segura:
Pegando em mim, rasguei-me, abri, parti-me,
Desfiz trapos, arames, serraduras...*

*Ah! meu menino histérico e precoce!
Tu, sim!, que tens mãos trágicas de posse,
E tens a inquietação da Descoberta!*

*O menino, por fim, tombou cansado;
O seu boneco aí jaz esfarelado...
E eu acho, nem sei como, a porta aberta!*

JOSE RÉGIO

SIMEÃO LEAL voltou adoentado de sua viagem a Caruaru, integrand o grupo de intelectuais cariocas que até ali foi para comemorar o centenário da cidade. As complicadas comidas pernambucanas atacaram-lhe com gôsto o estômago paraibano. — SINAL DE que já estão chegando ao término das respectivas jornadas alguns dos mais conhecidos poetas brasileiros é a edição de suas «Poesias Completas». Já estão anunciadas as de Olegário Mariano, Menotti del Picchia e Murilo Mendes, para os próximos meses, após a edição das de Bandeira, Drummond, Mário de Andrade, Cassiano, etc. — DIZEM QUE, após a eleição do senhor Assis Chateaubriand para a Academia de Letras, essa não é mais a «Casa de Machado de Assis», mas a de Assis... Chateaubriand. — NO PRÓXIMO dia 29, na atrás citada Academia, serão distribuídos os Prêmios Literários relativos a 1956. — O CONHECIDO sanitarrista Mário Pinotti parece ter servido de modelo para o romance do médico Camerino Bragança de Azevedo, «E assim são os Homens», que a José Olímpio pretende publicar breve. — O ROMANCISTA José Geraldo Vieira, membro do Júri de Seleção da IV Bienal de Arte de São Paulo, solicitou sua demissão dessa função, em vista do descontentamento que atualmente reina em meio aos artistas recusados. Não foi aceita, contudo. — ENEIDA, em poucos dias, realizou duas viagens diametralmente opostas: uma a Caruaru, outra a Caxias do Sul (Congresso Literário). — ANUNCIADA a vinda, ao Brasil, do grande escritor espanhol, Juan Ramón Jimenez, Prêmio Nobel de Literatura de 1956, extingue-se melancolicamente também no exílio, desde a morte da esposa, ocorrida dias após a outorga do prêmio mundialmente cobiçado. — MUITO BOA, a seção de crítica de livros da nova «A Cigarra»: vários intelectuais dela fazem parte, assim se evitando o problema de um só «book-reviewer» ter de comentar livros de poesia, romances, contos, etc. — SEGUNDO NOTÍCIAS oriundas de Bruxelas, o contista Otto Lara Rezende, que ali exerce o cargo de professor de Literatura Brasileira, já está com ganas de regressar, devido às grandes saudades do Brasil. E tanta gente a tentar seguir para a terra de Maeterlinck, Bruegel e Dufay... — PUBLICADOS os dois últimos volumes de «A la Recherche du temps perdu», de Marcel Proust, pela Livraria do Globo, de Porto Alegre. — UMBERTO PEREGRINO vem dirigindo de maneira superior a Biblioteca do Exército. O «Boletim» que publica mensalmente é um exemplo de vivacidade literária, um órgão de informações preciosas. Basta dizer que, embora do Exército, trata da literatura em todas as suas modalidades, comentando com desenvoltura livros e acontecimentos.

Os Prêmios da Academia em 1957

JÁ FORAM concedidos os diversos prêmios anualmente distribuídos pela Academia Brasileira de Letras aos autores das melhores obras, nos gêneros: Poesia, Ficção, Crítica, Teatro, Ensaio ou Erudição, bem como o «Machado de Assis», destinado a conjunto de obra, o «Júlia Lopes de Almeida», para livro de autor feminino, e o «Cláudio de Souza», para peça inédita. Após acirrados debates, concederam as diversas Comissões os seguintes prêmios:

«Machado de Assis» (conjunto de obra) — No valor de cem mil cruzeiros, ao poeta de inspiração cristã Tasso da Silveira;

«Olavo Bilac» (poesia) — No valor de vinte mil cruzeiros, à escritora Stella Leonardos, pela série de três livros «Poesia em Três Tempos»;

«Afonso Arinos» (ficção) — No valor de vinte mil cruzeiros, ao novelista José Condé, por «Os Dias Antigos»;

«Sílvio Romero» (crítica) — No valor de vinte mil cruzeiros, ao escritor Brito Broca, por «A Vida Literária no Brasil — 1900»;

«Artur de Azevedo» (teatro) — No valor de vinte mil cruzeiros, a Accioly Netto, pela «Helena Fechou a Porta»;

«José Veríssimo» (ensaio e erudição). — No

valor de vinte mil cruzeiros, a Celso Cunha (Cancioneiro de Martim Codax»);

«Júlia Lopes de Almeida» — A Heloneida Studart, pelo romance «Dize-me o teu nome»; «Cláudio de Souza» (peça inédita) — A Edmundo Lys, autor de «O Retábulo do Sargento-Mór».

Os leitores que avaliem do acerto, ou não, das diversas premiações.



José Condé



Stella Leonardos



Tasso da Silveira

TRÊS DIRETORES NA BERLINDA

Celso Brant, o Polígrafo — José Renato Santos Pereira, Substituto de Augusto Meyer... — Celso Cunha quer ser Ministro da Educação. — Com o advento do Governo atual, a Rádio Ministério da Educação, o Instituto Nacional do Livro e a Biblioteca Nacional tiveram diretores novos. Das demais repartições mais diretamente ligadas ao problema cultural, pertencentes ao Ministério da Educação e Cultura, apenas o Serviço de Documentação, excelentemente dirigido por José Simeão Leal, e o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, orientado desde a fundação por Rodrigo Melo Franco de Andrade, tiveram seus diretores — confirmados no cargo. Celso Brant, José Renato Santos Pereira e Celso Cunha foram indicados para a Rádio, o Instituto e a Biblioteca. Do valor dessas indicações, buscamos aquilatar nessa «reportagem-mirim».

CELSO BRANT

É uma invenção do atual Governo. Chefe do Gabinete do Ministro Clóvis Salgado, Diretor da Rádio Ministério da Educação, onde tem cometido incríveis tolices, colaborador assíduo em vários suplementos literários (ora escrevendo sobre Albrecht Dürer, ora sobre Bach, tudo da mesma maneira superficial e murcha), Celso Brant é poeta, e mineiro. Mais mineiro do que poeta. Sua notoriedade literária acabará certamente com o último dia do governo JK, que a gerou e garante. E dizer que tiraram Tude de Souza, competente e dedicado, da PRD-5 para nela colocarem esse rapaz inexperiente e sem títulos para dirigi-la!...

JOSÉ RENATO

O Instituto Nacional do Livro, dirigido desde a fundação (em 1937) por Augusto Meyer, é agora orientado por certo senhor José Renato Santos Pereira, outro ilustre desconhecido, até o dia 31 de janeiro de 1956. Tirarem um homem como Meyer do I. N. L., e aí colocarem um José Renato, só mesmo no Brasil poderia acontecer. De qualquer modo, o atual Diretor do Instituto Nacional do Livro já fez alguma coisa: criou a «Biblioteca de Divulgação Cultural», e a «Revista do Livro». Os livrinhos da «B. D. C.» são, contudo, uma cópia (e ruim) dos «Cadernos de Cultura», de Simeão Leal, e a «Revista», da excelente publicação «Cultura», também de Simeão.

CELSO CUNHA

O atual Diretor da Biblioteca Nacional é um homem capaz. Como professor da Faculdade de Filosofia, porém, não conquistou o entusiasmo e a admiração dos alunos, que o achavam confuso e pouco pedagógico. Sob sua orientação, a Biblioteca vai levando sua vidinha de sempre, com altos e baixos. É verdade que mais poderia fazer Celso, se dispusesse de maiores recursos. Escreveu há tempos um ensaio magnífico sobre «O Cancioneiro de Martim Codax». Dizem que sonha com o Ministério da Educação e Cultura não é de hoje. É moço ainda, magro e desajeitado em seus cento e oitenta e poucos centímetros de altura.

SALÃO MODERNO

O PINTOR (concretista) Ivan Serpa, o gravador Darel, o desenhista Aldemir Martins e a pintora Sheila, mereceram, do Júri de Premiação do Salão Moderno de 1957, os quatro principais prêmios nêle distribuídos: os dois primeiros partirão para o estrangeiro, breve; os demais viajarão pelo país. Prêmios de aquisição com certificado de isenção foram concedidos ao pintor Krajcberg, a Zezé e a Babinski; certificados de isenção a Maria Laura Radspieler, Franz Weismann, Anna Letycia, Caribé, Vera Mindlin, Elisa Martins da Silveira e Yolanda Mohaliy. O Júri esteve constituído de Oswaldo Goeldi (gravador), Franck Schaeffer (pintor) e Aníbal Machado (escritor). Suas decisões, de modo geral, foram bem aceitas pelos demais artistas. Djanira, conhecida pintora, mereceu o «Prêmio Diário de Notícias», boa iniciativa dêsse matutino, e que consiste numa viagem a Ouro Preto, e estada de dez dias na velha cidade mineira.

IVAN SERPA

● Carioca, começou como pintor figurativo. De vários anos para cá, vem se firmando como nosso primeiro pintor de tendência concretista — nessa qualidade já tendo realizado inúmeras mostras, individuais ou coletivas. Também professor (curso de Pintura de Crianças) e funcionário da Biblioteca Nacional (restauração de livros antigos). Reside em Lins de Vasconcelos, é casado e tem dois filhos. Viajará de início para a França, visitará também a Espanha e Itália. Sua premiação foi, de maneira geral, muito bem aceita pelos demais artistas, mesmo por aqueles que não aceitam o concretismo como caminho estético que possa conduzir um artista a bom termo.



DAREL VALENÇA LINS

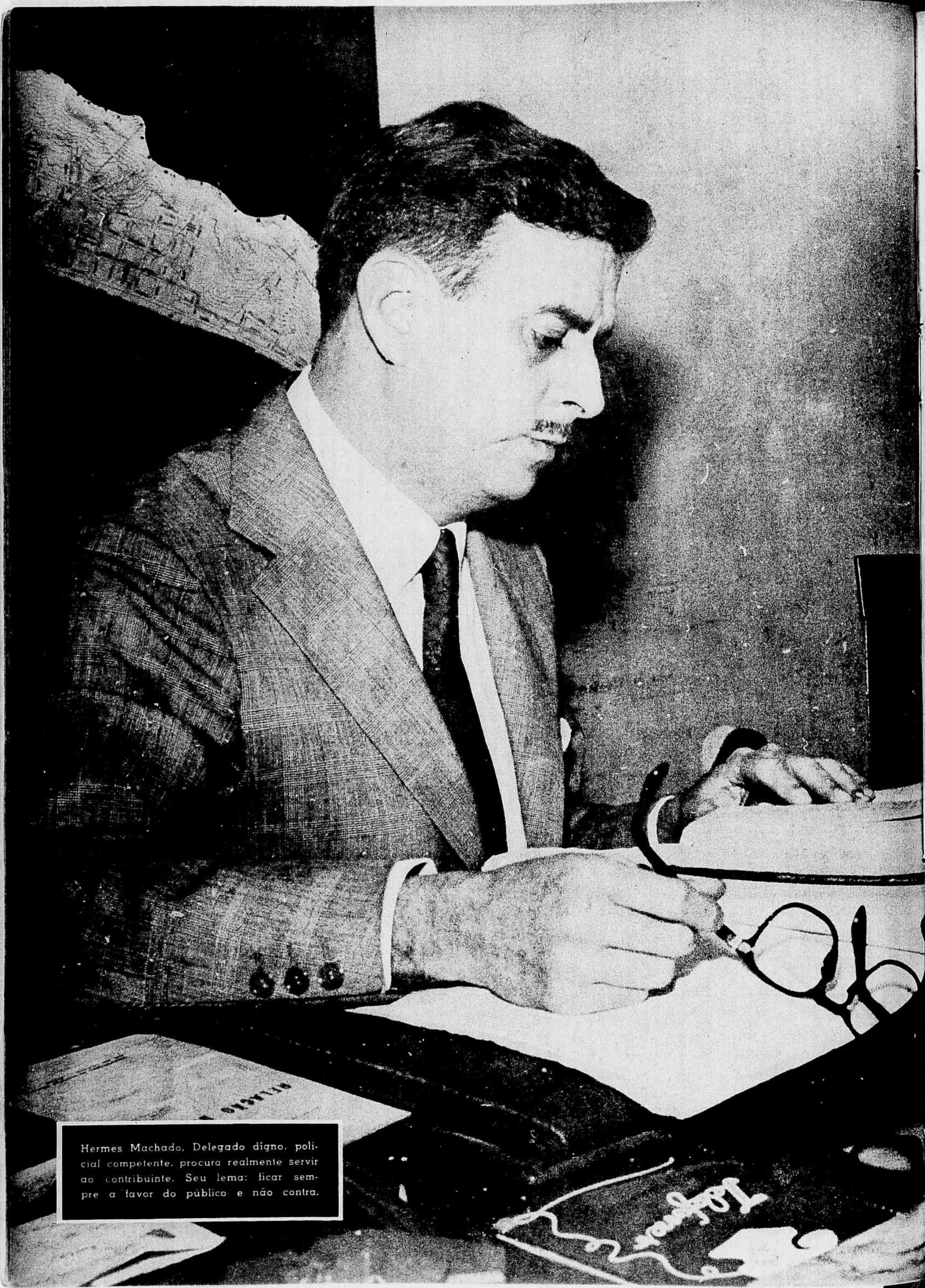
● Pernambucano, veio para o Rio de Janeiro e aqui começou a trabalhar com Goeldi. Em Pernambuco, era desenhista de máquinas. Litógrafo, ilustrador (ainda agora prepara uma nova edição de «Angústia», de Graciliano Ramos), trabalhou inclusive na REVISTA DA SEMANA, fazendo desenhos, ilustrando contos e crônicas, etc. Candidato ao prêmio que vem de merecer desde há alguns anos. Darel é unanimemente considerado como um de nossos melhores gravadores. Na Escola de Belas Artes, ministra um curso de litografia. Partirá breve, também para a França. Trabalhos seus existem em vários países. Já realizou diversas mostras individuais e coletivas.



ALDEMIR MARTINS

● Esse desenhista, que mereceu o Prêmio Internacional de Desenho na última Bienal de Veneza, nasceu no Ceará, mas é paulista «naturalizado». Em São Paulo vive e trabalha. Ilustrador, há muito tempo igualmente tenta merecer, no Salão Moderno, o prêmio de viagem ao estrangeiro: pretende ir ao Japão, estudar a arte nipônica, com a qual a sua se assemelha em mais de um aspecto. O prêmio pelo país, que mereceu, adiará esse sonho em pelo menos dois anos. Trabalhos de Aldemir já foram expostos em várias cidades do mundo. Casado, sem filhos, bem humorado sempre, ótimo artista. Aldemir Martins pretende visitar o Norte, aproveitando o prêmio recebido.





Hermes Machado, Delegado digno, policial competente, procura realmente servir ao contribuinte. Seu lema: ficar sempre a favor do público e não contra.

“COPACABANA VAI LEVAR UMA BOA VASSOURADA!”

2.000 BARES E 35 BUATES TUMULTUAM UM BAIRRO ★ NO TRÂNSITO, CORRER MUITO NÃO FAZ CHEGAR MAIS DEPRESSA ★ É PRECISO RENOVAR OS HÁBITOS DA POLÍCIA ★ DR. HERMES MACHADO FALA À NOSSA REPORTAGEM SOBRE SEUS PLANOS PARA POLICIAR COPACABANA

Reportagem de MARITA LIMA

Fotos de ALENCAR

A julgar pela densidade de sua população, Copacabana pode ser considerada uma cidade. Outras características talvez lhe faltem para que a denominação se lhe ajuste com exatidão, mas não esta da população. O número de moradores de Copacabana (500.000) é suficiente não só para elevar aquele bairro à categoria de cidade, como também à de uma das mais populosas do país. E, se preferirmos sair do país, vamos descobrir que Copacabana tem uma população maior do que a de Manhattan (Nova York). Mas, ainda em favor da nossa afirmativa, ocorrem outras características que marcam os grandes centros urbanos e metrópoles mais conhecidas do mundo. Copacabana, entre bares e botequins, conta com quase 2.000, além de 35 buates que funcionam até que o sol marque um outro dia.

E só em Copacabana, seja por acaso ou por outra qualquer causa que no momento nos escapa, sucedem determinados fatos. Assim, o primeiro prédio de cimento armado a desabar, no mundo, havia de desabar em Copacabana (Assis Brasil). Assim também são aqueles moradores que se lembram de telefonar para o seu Distrito Policial, pedindo que os acordem em determinadas horas da noite e da madrugada, para pegarem avião, saírem de viagem, etc. E' também daquele Distrito que saem guardas a fim de ajudar viúvas idosas a fazerem seus requerimentos, encaminhando-os, depois. Igualmente, foi ali no 2º Distrito que, numa noite de segunda-feira de carnaval, entrou uma senhora, elegantíssima em seu vestido de «soirée». Mas, como sói acontecer com senhoras que procuram Distritos Policiais, também aquele tinha um problema, na forma de um filhinho pequeno. Procurou o delegado e explicou-lhe que precisava ir a determinado baile, mas que, desde que a criança nascera, ela e o marido viam cerceadas suas atividades sociais, por uma série de complicações. Era carnaval, tinham recebido um convite... Queria muito... Final da história: foi destacado um guarda para a residência de madame. Acompanhou o pequerrucho pela noite a fora, inclusive, **dando-lhe a mamadeira** das duas horas.

De outra feita souo o telefone, pela madrugada. Uma voz de homem, carregadíssima de sotaque alemão, com aquela calma e aquela frieza que caracterizam os tedescos, explicou que precisava urgentemente do auxílio policial, pois havia entrado «uma cavalas» em seu apartamento. Apuradas as coisas, o delegado veio a saber que Her Fritz morava num quarto andar da rua Saint Romain. O delegado procurou explicar ao alemão que isto acontece freqüentemente. Já houve casos de outras pessoas que chegaram a achar elefantes cõr-de-rosa dentro dos armários e mesmo já foram vistos jacarés voadores. Portanto, o que o sr. Fritz devia fazer era aquilo mesmo que o caso indicava: tomar um compri-

mido e procurar dormir um pouco. Com o efeito alcoólico devia ir embora também o cavalo.

Her Fritz não pôde expressar em bom português tôda sua revolta, por isto terminou desligando. Mas em poucos minutos telefonou outra vez para informar que «a cavalas» tinha passado para a sala, onde fazia lastimáveis estragos. E também desta vez o comprimido e o sono foram aconselhados. Porém, em breve apareceu pessoalmente na delegacia o imenso alemão, ainda mais rosado pela ira que o pouco crédito alcançado por suas afirmativas lhe causava. Os policiais não puderam duvidar de seu estado de sobriedade e terminaram dando um pulo até o apartamento de «seu» Fritz para ver «a cavalas». Foi só a porta abrir para deparar com o animal, inquieto, na sala. Em pleno quarto andar.

E' que nos fundos do apartamento havia um morro, bem próximo. Estando o cavalo a pastar lá em cima, escorregou e somente parou quando suas patas dianteiras encontraram o peitoril da janela de «seu» Fritz, entrando imediatamente no quarto.

Constatada que foi a presença «da cavalas», os policiais solicitaram o auxílio dos bombeiros que terminaram amarrando as quatro patas do animal, fazendo dêle uma espécie de trouxa e carregando-o pelo elevador de serviço. Aí está mais um caso típico de Copacabana.

REPRESSÃO À JUVENTUDE TRANSVIADA

Agora êste tão conhecido 2º Distrito vê voltar para a sua chefia um homem que ali mesmo já esteve anteriormente. Trata-se do dr. Hermes Machado, o delegado. Em face do movimento extraordinário daquela jurisdição e das tão numerosas queixas que se fazem, nossa reportagem procurou ouvir aquela autoridade para saber que medidas pretende tomar, para que rumo procura aproar Copacabana e como pensa debelar a verdadeira onda de crimes e desordens que ali se verificam:

— Sõmente há pouco mais de um mês eu voltei à delegacia do 2º Distrito, mas já tomei as primeiras providências. No momento, contamos com duas camionetas fazendo a ronda permanente daquela jurisdição. Voltamos, assim, ao sistema da **ronda motorizada**, que é das mais eficientes.

★

Ao ouvir o delegado Hermes Machado referir-se à ronda motorizada, ocorreu-nos uma pergunta. Por que os carros da Rádio Patrulha têm



A população de Copacabana (uma grande cidade) recebeu satisfeita a volta de Hermes Machado.

tacômetro? Pois se é uma espécie de serviço policial que deve ser o mais rápido possível, constituído, por esta razão, de uma frota de carros excelentes, não se compreende que tenham a sua velocidade limitada. Quando solicitado o socorro policial, pelo menos de um bom número de casos, do que mais se precisa é da pressa e presteza com que o dito socorro alcança o solicitante.

Mas o dr. Hermes Machado explica o ponto de vista policial:

— E' claro que queremos atender aos chamados com a maior pressa e presteza. Porém, não queremos acarretar, por causa disto, novos acidentes, nem tumultuar ainda mais o tráfego. A própria Polícia, no caso, é policiada, para não praticar excessos inúteis.

E, diante da nossa surpresa, esclarece:

— Inúteis, sim. Não é em excesso de velocidade, em correria louca pelas ruas, dobrando as esquinas de maneira cinematográfica que alguém anda mais depressa. Com isto só se consegue uma maior cota de perigo, mas não de eficiência. A Polícia de Nova York lêz, a este respeito, uma experiência definitiva. Dois carros policiais partiram ao mesmo tempo, do mesmo local, dirigidos os dois por habilíssimos chauffeurs. Um deles tinha carta branca: não obedecia à sinalização, andava na velocidade que quisesse, entrava contra-a-mão, enfim, podia fazer o que lhe parecesse mais eficiente, no momento, mesmo praticando todas as infrações. O outro, no entanto, fazia o mesmo percurso com a obrigação de atender a todas as leis do trânsito, sem transgredir uma única. E assim cruzaram a cidade de Nova York. O resultado final foi o seguinte: vantagem de apenas três minutos para o transgressor. Ora, diante de tal resultado, ficou visto e provado que não se justifica a criação de novos riscos em benefício de pouquíssimos minutos. E é por isto que controlamos nossos carros, instalando-lhes mesmo o tacômetro, para que não se pratiquem excessos inúteis.

★

Dr. Hermes acende um novo cigarro, dizendo:

— Os policiais são indivíduos de nervos tensos. Em sua profissão sofrem muitos choques emocionais, por força das circunstâncias. Esta é a razão pela qual é indispensável o exame psicotécnico. Estou inteiramente convencido disto. O desgaste físico e mental desta profissão,

principalmente, diga-se de passagem, quando exercida aqui em Copacabana, é assustador. Existem policiais, mesmo, que correm o risco de terminar psicóticos. No entanto, sabemos de sobejo que é preciso uma boa saúde mental para se lidar com o público. Para receber a todos estes que, sem exceção, entram aqui julgando que o seu caso é o mais importante de todos.

E, num aparte bastante simpático e verdadeiro, dr. Hermes Machado comenta:

— E é mesmo! O caso de cada um, para cada um, é mesmo o mais importante do mundo. Só estaremos prontos para exercer satisfatoriamente o policiamento, quando cada um sentir isto, ao nos procurar: que não achamos o seu caso o mais importante do mundo.

E depois continua esplanando suas idéias:

— O que acontece, a respeito da preparação policial é que todas as grandes polícias do mundo se renovam através das escolas de polícia. E' verdade que aqui temos a nossa Escola de Polícia, mas em funcionamento precário. Já se preparam investigadores, detetives, escrivães e comissários. Também há cursos para delegados. Os professores são grandes nomes, como Roberto Lyra e Florindo Vila Alvares. No entanto, estes cursos deviam ser extensivos a todos os funcionários. A Escola de Polícia promove, antes de tudo, uma renovação de hábitos, de costumes, o que habilita o pessoal ao trato com o público. Em Londres, por exemplo, aquele famoso policial das ruas, nem revólver usa. Cada um deles está garantido pela presença de um funcionário armado, à paisana, mas não é uma coisa ostensiva.

No entanto, era preciso particularizar mais os planos do novo delegado. Procuramos conhecer os mais diretamente ligados à sua jurisdição.

— Doutor — perguntamos — como encara o problema da chamada juventude transviada?

— E' um problema um tanto antigo e de dimensões bem menores do que as que atualmente lhe são atribuídas. Contudo, continuamos a combatê-la. Depois que foram revelados antros e atividades de fumadores de maconha e outras coisas pelo gênero, procuramos infiltrar policiais pouco conhecidos, usando a técnica da penetração pela pactuação. Uma vez apurado o delito, então entramos em ação. Aliás, o Procurador Geral do Distrito Federal já me convocou para uma reunião a

fim de designar uma comissão e redigir o plano de ações tendentes a fiscalizar a juventude transviada. Portanto, as mais eficientes providências estão sendo tomadas, mas devo insistir num ponto: a maioria da população jovem de Copacabana é sã e de elite.

● BATEDOR DE CARTEIRA USA CÓDIGO

Outro problema que não nos podia escapar é o do batedor de carteira, verdadeiro tormento daquelas ruas elegantes.

— Antigamente havia os pungueadores certos, isto é, lugares conhecidos no centro da cidade, onde funcionavam os batedores de carteira — esclarece o dr. Hermes Machado. No entanto, agora, a coisa se espalhou, atingindo especialmente a zona sul. O fato é que basta existir uma vitrina que interesse aos populares, fazendo uma pequena aglomeração ou mesmo a exposição de qualquer artigo, para ali estar um pungueador.

★

A respeito dos vagabundos de rua, que sempre oferecem perigo, e do problema da vadiagem, que é quase o mesmo que dizer o problema do furto, não tínhamos muito como interrogar o dr. Hermes Machado. O fato é que em 22 anos consecutivos, todos os delegados que passaram pelo 2º Distrito perfizeram um total de 88 prisões por vadiagem. No entanto, em 1951, em apenas um ano de estada naquela jurisdição, dr. Hermes já havia elevado o total de prisões efetuadas por vadiagem a 166. Quanto a isto pode estar descansada Copacabana. Aquêlê bairro vai levar, agora, uma das maiores vassouradas de sua história. Ali está o homem certo, que já mostrou, uma vez, como se reprime o furto, de 98%. Convenhamos que a sua volta para aquela jurisdição é a volta da própria esperança para os moradores.

Quanto aos vadios, dr. Hermes conhece perfeitamente bem o problema da vadiagem e todos os seus pequenos truques pitorescos. Segundo nos informou, para os batedores de carteira, o bolsinho pequeno da calça, aquêlê que serve para guardar o relógio, chama-se «grilo enforcado». Depois do sapato é o lugar mais seguro para se guardar o dinheiro. O bolso do lado, ainda da calça, é o «grilo». Os bolsos de trás são «culatras», direita e esquerda. O bolso do lenço, no paletó, chama-se «janela aberta». O bolso do lado é o «chucro», porque só mesmo homem chucro se lembra ainda de guardar dinheiro ali. Os bolsos de dentro do paletó são «sutalas». «Batota» é o trabalho de equipe, constituída de dois ou três elementos. «Roupeiro» é o que abre o paletó ou dá o toque para procurar o «vento» (dinheiro) ou o «couro» (a carteira), ou ainda o «bôbo» (relógio, o bôbo porque trabalha para os outros). Depois da localização, entra em cena o «lanceiro», que é quem tira o produto da vítima.

Dr. Hermes Machado, o delegado do 2º Distrito encerrou nossa entrevista pedindo-nos que fizéssemos veemente apêlo às donas de casa a fim de que não aceitem empregadas sem que estas apresentem a carteirinha fornecida pelo Serviço de Identificação das Domésticas, que funciona naquele Distrito, diariamente, entre oito e dez da noite. E mesmo as empregadas que já estejam em função, para ali devem ser encaminhadas.



Moço, com vontade de trabalhar e conhecendo a sua profissão, Hermes Machado representa o que há de melhor na polícia.

A CASA

SUCENA

tem a honra de apresentar a S. Ex^ª, o Sr. General

CRAVEIRO LOPES

os melhores votos de Boas Vindas, por ocasião de sua visita ao Governo e ao povo do **BRASIL**.

ANO DE 1957

CASA SUCENA

Avenida Rio Branco, 82/86

Rua Buenos Aires, 66

A COCAÍNA



George Efeiche, numa cena de "A Cocaína".

● George Efeiche, que já encenou o seu monólogo dramático — A COCAÍNA —, nos principais auditórios desta cidade, prossegue recebendo os aplausos de quantos o vêem representar. A COCAÍNA que é ao mesmo tempo uma obra de combate ao vício, tem recebido especial atenção por parte das autoridades brasileiras, que ora se empenham na resolução do problema pelo qual o ator Efeiche vem se batendo.

"Mil" lhe oferece:



BUZINAS Sonoras
TIMPANOS Bim-Bam
ELETRICAS - AVACUM - A AR
Colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6194 RIO DE JANEIRO



INSUFICIENCIA HEPÁTICA

YAKAITAMIN



INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKAITAMIN

COMPLEXO INJETAVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL Nº 1.202

SEM COMPROMISSO

Por FERNANDO PAULO

★
...Milena Krauskopfova, esposa do barão napolitano, Mario Cottrau, organizou, na Galeria dos Diplomatas de Roma, uma exposição de velhas pinturas. A pintora boêmia apresentará muitos quadros antigos, sobre temas religiosos, e alguns retratos de numerosos expoentes da aristocracia italiana, entre os quais o da princesa Ruspoli e o de Marcella Bosghese.



★
A Begun assistiu ao casamento do secretário de Aga Khan na igreja de Rocheville. Louis Reboul, que desposou a Srta. Elma Kechinian, encontra-se a serviço de Aga Khan desde 1948. Recebeu a quantia de um milhão como presente de núpcias.

★
O Presidente Giovanni Gronchi ofereceu uma reunião no Quirinal em homenagem a Rainier III e a Grace de Mônaco. Os príncipes, após a visita oficial a Roma, pretendem passar uma temporada na região de Nápoles, visitando Ischia e Capri.



★
A princesa Sofia da Grécia completou dezoito anos e se inscreveu num curso de assistência infantil em um instituto de Atenas.

★
Grace Fields, atriz e cantora inglesa, que se estabeleceu há vários anos em Capri, retornou à Itália na semana passada, depois de uma longa viagem através dos Estados Unidos.

★
Anna Magnani aceitou a proposta de um empresário norte-americano para interpretar na Broadway, uma peça em um ato, do dramaturgo Tennessee Williams.



★
Luisa Marani é a mais jovem esposa da Itália. Conta apenas quatorze anos e casou-se em Bréscia com o tenente da aeronáutica Enzo Maraglio, de vinte e seis anos.

(Cont. na pág. 36)

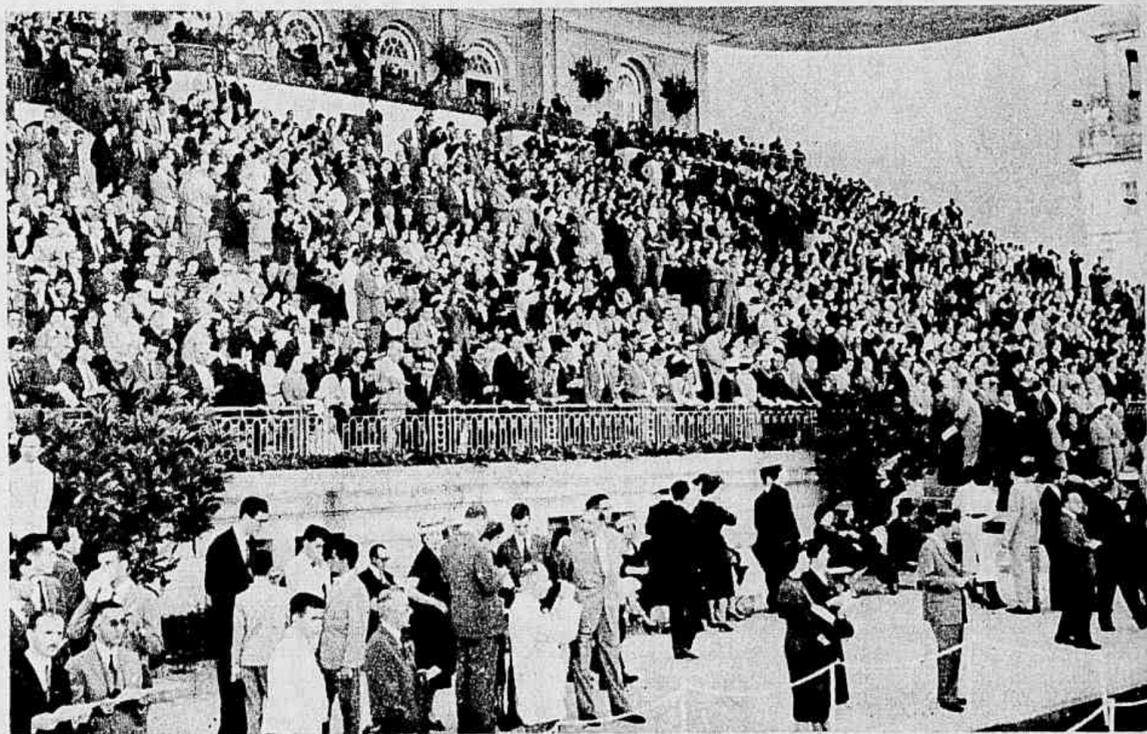


Após a realização do Grande Prêmio Cruzeiro do Sul, o dr. Mário de Azevedo Ribeiro, ao «champagne», no Salão das Rosas, saudou o dr. Roberto Seabra, um dos titulares do stud vitorioso. Vemos na foto o presidente e diretores do Jockey Club Brasileiro, o homenageado e outras pessoas gradas.

TARDE DE GALA NO HIPÓDROMO BRASILEIRO

NO primeiro domingo do mês, com a realização do Grande Prêmio Cruzeiro do Sul, viveu brilhantemente o Hipódromo da Gávea uma das suas maiores tardes turfistas. Com tôdas as arquibancadas lotadas, o prado famoso apresentava o deslumbrante aspecto dos seus dias de grande esplendor. Antes das corridas, a diretoria do Jockey Club Brasileiro homenageou os criadores nacionais com um lauto almôço no Salão das Rosas, do Hipódromo. Na mesa, lindamente ornamentada, sentaram-se as mais expressivas figuras da nossa criação puro-sangue, que foram saudadas em eloqüente oração pelo presidente da prestigiosa sociedade carreirista, dr. Mário de Azevedo Ribeiro. Em nome dos homenageados, fêz o agradecimento o dr. Luiz Nazareno de Assunção, criador e ex-presidente do Jockey Club de São Paulo, o qual pronunciou um brilhante discurso. Destacaram os oradores a elevada significação daquela festa de confraternização, justamente ocorrida no dia da prova de maior expressão para o Turfe Nacional — o Derby Brasileiro.

Depois de corrido o Grande Prêmio Cruzeiro do Sul, ganho por «Canavial», valente nacional de 3 anos, de propriedade dos irmãos Seabra, a diretoria do Jockey Club Brasileiro fêz servir uma taça de «champagne» no Salão das Rosas, quando o presidente Mário de Azevedo Ribeiro saudou o dr. Roberto Seabra, que agradeceu.



A arquibancada social na tarde do Grande Prêmio Cruzeiro do Sul.



Flagrante parcial da mesa do almôço, vendo-se o dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club, tendo à direita o dr. A. J. Peixoto de Castro Jr. e o ministro Armando Trompowsky, e à esquerda o dr. Luiz Nazareno de Assunção e o ministro Luiz Gallotti.



Outro aspecto da mesa, com o dr. Francisco Eduardo de Paula Machado, 1º vice-presidente do Jockey, ladeado, à direita, pela senhora Zélia Gonzaga Peixoto de Castro, professor Luiz Pinheiro Guimarães e senador Daniel Krüeger, e à esquerda pelo dr. Nelson de Almeida Prado.



A CAMPEONÍSSIMA MARIA HELENA ESTÁ "IN LOVE"

A MAIOR TENISTA DA AMÉRICA DO SUL NÃO SABE QUANTO CUSTA
UMA BOLA ★ UM CRONISTA SOCIAL ACONTECE EM SUA VIDA DESDE
FEVEREIRO ★ PREFERE AS COISAS E AS PESSOAS SIMPLES AO «SOCIE-
TY» ★ «BRASÍLIA PODE SER MUITO ÚTIL MAS EU NÃO VOU PARA LÁ»

Por HAROLDO DAMÁSIO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

COM cento e tantos títulos (ela não sabe ao certo), 100 medalhas, 51 taças e 2 troféus — Maria Helena de Amorim — a campeã brasileira de tênis, confessa que a sua maior emoção na vida foi quando, com 15 anos, jogou na quadra do Fluminense, com a 2ª tenista mundial, Doris Hart e perdeu somente na negra.

Encontramo-nos com Maria Helena às 9 horas da manhã de um sábado no Piraquê, ela tinha acedido, pela primeira vez, em ser motivo para uma reportagem. Naturalmente, não poderíamos deixar de perguntar a razão de ter cedido desta vez, ela que sempre se recusara:

— A amabilidade do convite, vamos dizer assim, me convenceu. E eu confesso que não sabia que a minha pessoa — como você asseverou — tivesse interesse jornalístico. Fiquei surpreendida. Mas já que vou ser focalizada propiciarei a vocês as respostas e esclarecimentos que desejar.

— Teríamos que começar — dissemos — pelo seu êxito como tenista, campeã brasileira aos 19 anos e para muitos, imbatível na América do Sul e, principalmente, tratando-se de uma moça, até que ponto o esporte influi na sua vida?

— Meu êxito dependeu sempre de muito treino e muito sacrifício. E à medida que títulos eram conseguidos, a responsabilidade crescia. Todos ficavam me observando, reparavam tôdas as minhas jogadas e todos queriam me ganhar. O Tênis representa tudo para mim. A ele eu devo a grande maioria dos momentos felizes da minha vida. Parte da minha vida, ou melhor, tôda a minha vida, gira em torno do tênis.

◆ O TÍTULO ATRAI NAMORADOS

Perguntamos a Maria Helena se o seu título atraía namorados.

— De uma certa maneira sim. Aliás, tive poucos namorados.

Perguntamos a Maria Helena se ela abandonaria o esporte por um casamento e ela, pensou, pensou... e encabulou. O silêncio dela disse tudo.

◆ «IN LOVE»

Sente-se pelo modo de falar de Maria Helena que ela está «in love» com alguém e que o tênis não é o essencial em suas emoções. Seus ma-

ravilhosos olhos não escondem o prazer de responder à nossa pergunta:

— Alguém ou alguma coisa no momento distrai sua atenção do tênis? Você estuda?

— Você sabe (responde sorrindo e com «alma»). Quanto ao estudo: eu terminei o clássico, ano passado, no Notre Dame e agora faço o curso de estenodatilógrafo.

Realmente nós sabemos quem é o namorado da campeoníssima e bonita Maria Helena. É um jovem cronista social da imprensa carioca, mas não sabíamos que ele distraía a atenção da nossa campeã do tênis. A pergunta valeu.

◆ ESPORTE CARÍSSIMO

— Gostaria de saber se o tênis é um esporte caro e qual o conselho que você daria às principiantes do elegante esporte.

— O tênis é caríssimo. Uma raquete estrangeira custa no Brasil Cr\$ 4.500,00, o encordoamento, que geralmente se faz de 4 em 4 meses, custa Cr\$ 800,00. Um par de tênis, de marca alemã (o mais usado) fica por Cr\$ 350,00 e dura pouco; as bolas, eu confesso que não sei, por que todos me dão. Além disso tem o «short» que em geral eu mesmo crio e se você quiser eu completo que é feito de fustão. Sempre branco que é a cor usual no tênis. Para uma tenista ser campeã precisa de muita força de vontade, muito treino e um bom professor. Eu comecei com 9 anos, a «bater» com o Prof. Mira aqui no Piraquê. Aos 12 fui para o Country e Agüero me treitava. Em 1955 saí do Country e atuando como avulsa fui campeã. Este ano disputarei pelo Tijuca.

◆ SUPERIORIDADE DOS HOMENS?

— Você acredita na superioridade dos homens?

— Não! Em nenhum sentido, de maneira alguma.

— Qual é o seu maior ídolo?

— O meu pai.

O pai de Maria Helena é médico e principalmente o «manager» da filha. Maria Helena que é de Amorim e faz uma absoluta questão deste de tem também um irmão que é campeão de remo pelo Flamengo. Os dois são os seus maiores amigos e ela mesma diz que tem, isto sim muitos conhecidos.



Maria Helena Amorim fez uma carreira rapidissima. Há dias embarcou para a Inglaterra, onde disputará o titulo mundial de ténis.

REVISTA
DA SEMANA





Maria Helena se confessa apaixonada por um colunista social. O leitor descobrirá quem é ele?

MARIA HELENA



O tênis é a paixão de Maria Helena e ela não se cansa de aprender.

◆ O FUTURO

— Quais são os seus planos para o futuro e se não fôsse o que é o que gostaria de ser?

— Não penso no futuro, nunca pensei, não tenho nada definido, me sinto feliz assim. Tudo na vida acontece. O que sou mesmo, para mim, é satisfatório.

— Você tem alguma atração diferente do tênis?

— Pela Natureza. Gosto da vida ao ar livre.

— E o «Rock 'n' Roll»?

— Gosto do «Rock» para ouvir e também para divertir-me, vendo os outros dançando.

◆ MARIDO DA RAINHA

Conviria saber a sua opinião sobre algumas personalidades que ocupam o noticiário da nossa imprensa ultimamente e Maria Helena considera a Rainha Elizabeth II uma mulher excepcional, a princesa Margaret «mais ainda»; Elza Maxwell, «uma desfrutável»; Marilyn Monroe, «grande mérito, se fez partindo do nada» e sobre Dona Marialva (A «Mãe do Ano»), «o título dela vale por si só». Mas os elementos masculinos também foram focalizados e começando pelo Príncipe Filipe, «marido da Rainha e nada mais»; Ali Khan «sem comentários... Nossa Senhora!»; Elvis Presley «não acho nada, impossível encontrar alguma coisa nele»; Carlos Lacerda, «sou juscelinista, acho bom não falar...»; Ibrahim Sued, «como cronista, um grande cronista social».

— Você já pensou em se candidatar a «Miss Elegante Bangu» ou «Miss Brasil»?

— Não!

— O que você acha sobre a fundação de Brasília e da falta de água, telefone, condução etc. no Rio?

— Acho que Brasília poderá ser muito interessante, útil, mas eu não vou para lá. Uma calamidade.

— Se você fôsse casada com um Presidente da República, quais os conselhos que daria a ele?

— Que olhasse o problema social, principalmente preocupar-se com o Norte, onde estive recentemente e fiquei desolada com a miséria. Colocasse o Brasil no mundo em uma posição digna.

◆ OS MILHÕES DO SWEEPSTAKE

— O que faz a felicidade de uma moça em sua idade?

— Acontecendo tudo de bom, os desejos se realizando, o amor sendo correspondido.

— Onde habitualmente você pode ser encontrada?

— Durante o dia no Piraquê, de manhã e à tarde. Três vezes por semana de manhã estou no curso, à noite em minha casa aqui perto do Clube, no Jardim Botânico.

— Se você ganhasse os milhões do próximo Sweepstake o que faria?

— Primeiro visitaria todos os cantos do mundo, os possíveis e os imagináveis. O resto depois eu via.

◆ CONFIDENCIALMENTE

Maria Helena é uma moça que fala francamente e quase dá remorso fazer-se certas perguntas não fôsse a nossa boa intenção em retratá-la o melhor possível para os nossos leitores:

— Entre eu, você, seus amigos e os meus leitores, qual o seu mais maravilhoso sonho?

— Raramente sonho... Mas se sonhasse, seria um casamento próximo...

— Confidencialmente, há um cronista social em sua vida?

— Você sabe... desde fevereiro.

Uma meia volta e retomamos o rumo do tênis e o que nos falta para que o esporte nacional da Austrália e tão popular nos Estados Unidos e Inglaterra, despertasse maior entusiasmo entre nós. Ela nos conta:

— Falta o decidido apoio do governo que é nenhum.

◆ LÊ FREUD

— Você é pelo divórcio?

— Os brasileiros não têm mentalidade para isso.

Maria Helena é católica, praticamente de ir à missa todos os domingos, não gosta de cozinhar, prefere que um homem antes de tudo seja inteligente, se tivesse de optar entre um intelectual e um esportista, preferiria para se casar com um esportista, gosta das coisas e pessoas simples, acha que seu pai, seu namorado e o tênis são os homens mais importantes de sua vida. Ela se refere ao tênis como se fôsse um homem. Gosta muitíssimo de ler, o que geralmente faz à noite, mas não se espantem: ela lê Freud. É uma garôta moderna, sem dúvida.

◆ «SOCIETY»? NÃO!

— Quais são os homens mais elegantes que você conhece?

— Eu não conheço ninguém assim elegante, eu não vivo no «society».

— Você não gosta do «Society»?

— Não! Eu já disse antes que prefiro a Natureza, as coisas e as pessoas simples.

— Quais são os homens mais discutidos no Rio?

— Espera aí, eu vou pensar e responder pela ordem dos mais: Carlos Lacerda, Ibrahim Sued, Jean Pouchard, Juscelino e o Prefeito Negrão de Lima.

Se vocês repararem bem nestes cinco nomes vocês perceberão que a moça foi bastante coerente com outras respostas já dadas.

◆ CASAMENTO

— Como deveria ser o seu homem ideal?

— Um pouco intelectual, mais esportista e essencialmente inteligente.

— Se tiver um filho que nome terá? Já pensou nisto?

— O nome do pai certamente.

— Que profissão gostaria que ele escolhesse?

— Seria ótimo se fôsse escritor.

— Quem na sua opinião não deixará de ler as suas respostas?

— Você também sabe.

Certamente que sabemos, mas como vocês viram, tôdas as armadilhas não conseguiram fazer o nome do eleito de Maria Helena sair de seus lábios. Ficou sempre no «você sabe». Por que não terá dito a jovem e encantadora Maria Helena o nome do cronista social que revelou existir em sua vida? Mas lembrem-se, Maria Helena é uma moça de franqueza nobre e de uma discrição elegante. Ela vai longe. E talvez mesmo antes de ir ao altar chegue ao estádio de Windlebon jogando para a Rainha Elizabeth.

CIÊNCIA ESPÍRITA

É provável que muitos não saibam quem foi o dr. Pinheiro Guedes, cuja projeção no movimento espiritualista vem ainda do tempo do Império. Pinheiro Guedes, médico na Côrte, oficial do Exército, foi Senador da República, justamente quando se instalou a Assembléia Constituinte de 1890, que elaborou a primeira Constituição Republicana do Brasil. Era Pinheiro Guedes, nessa ocasião, representante de Mato Grosso, ao lado de Joaquim Murinho. Da independência de seu caráter e sinceridade de suas convicções, é prova o fato de haver Pinheiro Guedes, com Angelo Torterolli e outros espiritualistas da época, encabeçado uma comissão que foi à presença de Pedro II oferecer uma coleção de obras espíritas ao magnânimo Imperador do Brasil.

◆ Ciência Espírita — prova de início que a Medicina se originou do espiritismo e demonstra a perfeita entrosagem entre o corpo, que o médico trata e o espírito, que preside à formação desse corpo, desde a sua fase inicial. Daí a extraordinária vantagem do médico que, possuidor da ciência humana, é também conhecedor da ciência espírita. Nesta ordem de idéias, o dr. Pinheiro Guedes é de uma clareza admirável e se torna irresistivelmente fascinante quando explica, sob a luz da ciência espírita, os fenômenos comumente designados como epilepsia, histerismo, loucura, e outros.

◆ Ciência Espírita — analisa e expõe a origem, a natureza e a evolução da alma humana, a criação das matérias, o papel de átomos e células, a formação dos seres, a força psíquica, etc., uma série de temas interessantes, proporcionando novos e utilíssimos conhecimentos a todos, numa linguagem clara, simples e persuasiva, dirigida mais ao raciocínio do leitor do que às suas próprias crenças e sentimentos religiosos. Assim, baseado em linguagem acessível a qualquer curioso das relações entre a Medicina, ciência materialista por excelência e o espiritismo, Ciência Espírita é valiosa contribuição científica ao estudo do Espiritismo.

NOTA — Ciência Espírita, valiosa contribuição científica ao estudo do Espiritismo, de autoria do médico brasileiro Antônio Pinheiro Guedes, que reservou uma página de honra aos Lentes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Cr\$ 25,00. Cada volume, pelo correio, custa mais Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros). Para o estrangeiro, mais Cr\$ 20,00 (vinte cruzeiros). As remessas deverão ser feitas por vale postal, valor declarado, ordens ou cheque nominal, e nunca em cartas de portes simples, e endereçadas ao Centro Redentor, à rua Jorge Rudge, 119 — Rio de Janeiro.

Gynegon



Instituto Biológico do Rio de Janeiro —
Caixa Postal, 1.202

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



SEM COMPROMISSO

(Conti. da pág. 28)

★
Anna Brandimarte interpretará «O Chôro da Madame», de Jacopone da Todi, por ocasião de uma representação de Laudi Umbre.

★
John Wayne visitou a região de Merone e declarou que ali dirigirá um filme, do qual será produtor, ator e diretor ao mesmo tempo. Mas ainda não revelou qual será o tema do filme.



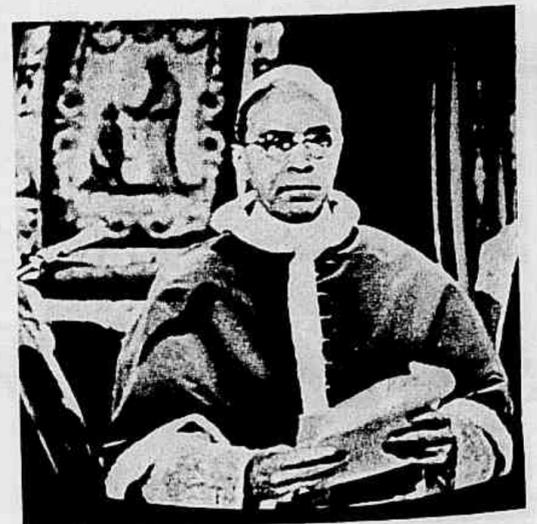
★
Elsa Martinelli não esperava absolutamente ver-se condenada a 18 meses de reclusão, pena aplicada pelo pretor romano, por haver insultado três agentes comunais. A atriz, que esperava ser condenada a uma pena máxima de seis meses, com liberdade condicional, apelou da sentença judicial.

★
Anita Ekberg foi condenada por um tribunal de Roma, a pagar uma lira a um pai e duas liras à mãe, a título de ressarcimento pelo dano moral causado aos filhos do casal em consequência do seu recente filme, no qual ela aparece, segundo argumentam os querelantes, vestida de maneira imoral.



★
Stefania Festucci nasceu sábado passado numa clínica de Roma. Sua mãe, a atriz Franca Marzi, e seu pai, o lutador de box, Franco Festucci, estão felicíssimos. Stefania passa muito bem.

★
Adolphe Menjou foi roubado em quatro ternos, duas camisas, trinta gravatas, três capas e um sobretudo, por um ladrão que penetrou em sua casa em Mônaco da Baviera. Recuperou parte da roupa depois de haver reconhecido um dos ternos usado por um indivíduo recentemente preso pela polícia.



★
Durante a última audiência papal, realizada na Basílica de São Pedro, Pio XII, ao descer do trono pontifical, tropeçou nas suas vestes. Entretanto, o Sumo Pontífice logo recuperou o equilíbrio e não deu maior importância ao pequeno incidente.

NO MELHOR DA FESTA PODE FALTAR LUZ!



A precaução evita contratempos! Um defeito na instalação da sua casa pode ocasionar a falta de energia elétrica: examine os fusíveis e substitua o que estiver queimado.

Como os demais reparos nas instalações elétricas internas, a troca de fusíveis* é atribuição do próprio consumidor.

*Use fusíveis aprovados pelo D. N. I. G.

TENHA SEMPRE EM SUA CASA FUSÍVEIS DE RESERVA

DRAMA DE UMA

CIDADE ESTRANGULADA

J. K. : (Voz do Brasil)

«VOU ATENDER AOS RECLAMOS DO PREFEITO NO SENTIDO DE FACILITAR-LHE O FINANCIAMENTO PARA A REALIZAÇÃO DE OBRAS FUNDAMENTAIS PARA A POPULAÇÃO DESTA CAPITAL»

NEGRÃO: (1957)

«SEM ESSAS OBRAS, DENTRO DE POUCO TEMPO O RIO DE JANEIRO SE TORNARÁ UMA CIDADE INABITÁVEL.»

FRONTIN: (1915)

«A EXECUÇÃO DE OBRAS NOVAS DEVE SER REALIZADA POR MEIO DE EMPRÉSTIMOS INTERNOS OU EXTERNOS.»

PREFEITO ALGUM PODERÁ REALIZAR O MILAGRE DE EXECUTAR GRANDES OBRAS COM OS SIMPLES RECURSOS DO ORÇAMENTO ★ O GOVERNO FEDERAL AJUDOU A PREFEITURA EM 1903, 1919 E 1940 ★ SEIS BILHÕES E CINQUENTA MILHÕES DE CRUZEIROS PARA A EXECUÇÃO DO PLANO DE OBRAS URGENTES ★ AVENIDAS PERIMETRAL, BEIRA-MAR, PRESIDENTE VARGAS (TRECHO FINAL), RADIAL-OESTE E NORTE-SUL

★ TÚNEIS CATUMBI-LARANJEIRAS E LOCAIS DE COPACABANA ★ PISTAS ELEVADAS, RAMPAS E VÁRIAS OBRAS COMPLEMENTARES ★ DESMONTE DO MORRO DE SANTO ANTÔNIO ★ EMPRÉSTIMO DE 3 BILHÕES DE CRUZEIROS PARA O INÍCIO DAS OBRAS ★ NEGRÃO ESPERA DA CÂMARA DOS VEREADORES A AUTORIZAÇÃO PARA ESSA OPERAÇÃO DE CRÉDITO ★ O PEDIDO CHEGOU À CÂMARA A 3/12/1956

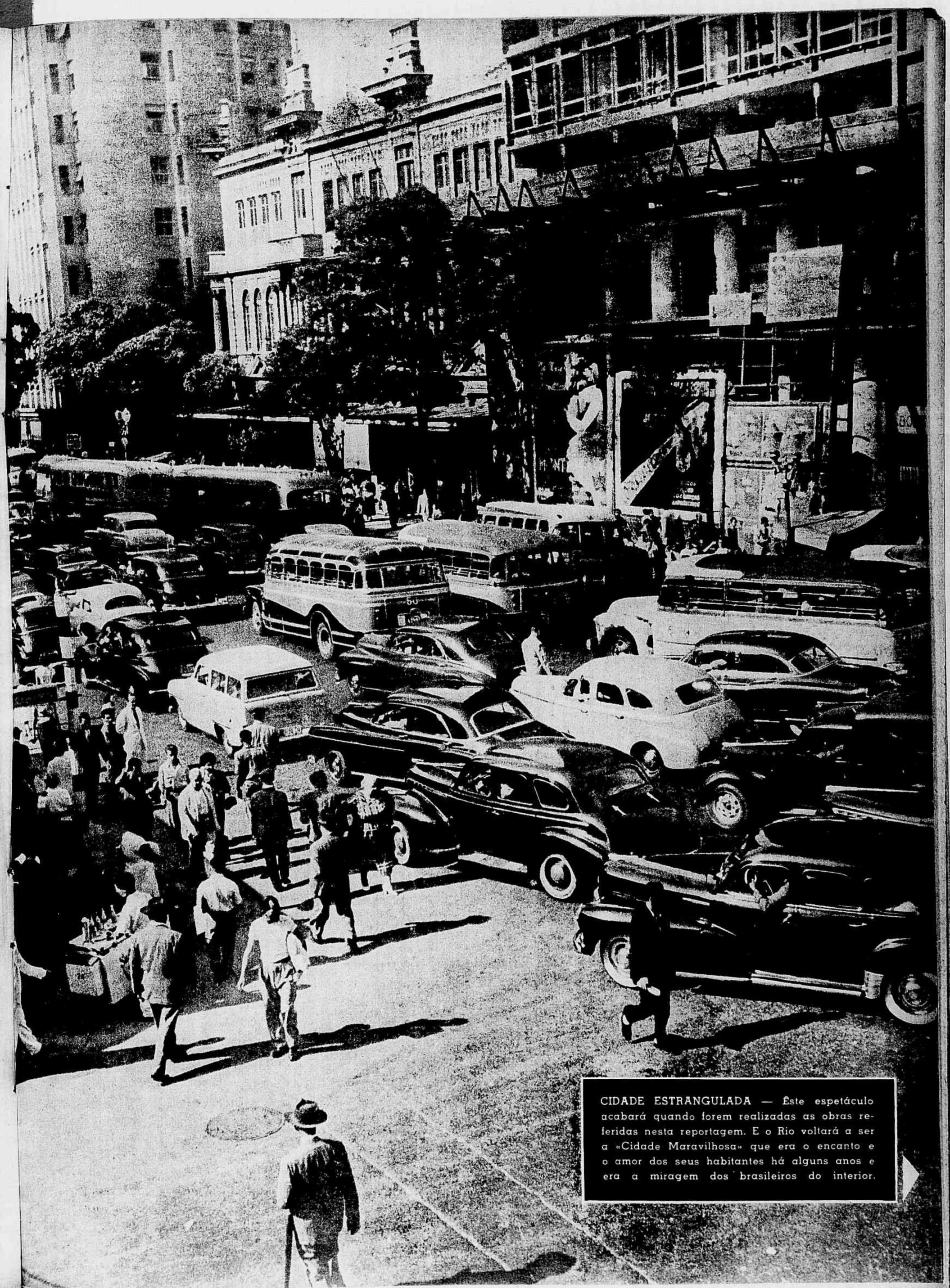
Reportagem de GILBERTO GUIMARÃES

“A

O povo desta cidade, quero informar, particularmente, que vou atender aos reclamos do Prefeito, no sentido de **facilitar-lhe o financiamento para a realização de obras fundamentais para a população desta Capital**, (o grifo é nosso)

tais como as grandes avenidas de interpenetração, ligando a Zona Norte à Zona Sul, a fim de descongestionar o tráfego urbano. Como é evidente, não se trata de obra suntuária, mas de medida urgente em socorro da Capital da República, ameaçada de estrangulamento, pelo aumento sempre crescente do tráfego.”

As declarações acima foram feitas no dia 31 de julho de 1956, pelo Presidente Juscelino Kubitschek, em sua alocução na “Voz do Brasil”, assumindo, portanto, sério compromisso com a população do Distrito Federal, não tendo este repórter propósitos de duvidar das boas intenções do Chefe do Governo, no sentido de auxiliar a Prefeitura, que atravessa, agora,



CIDADE ESTRANGULADA — Este espetáculo acabará quando forem realizadas as obras referidas nesta reportagem. E o Rio voltará a ser a «Cidade Maravilhosa» que era o encanto e o amor dos seus habitantes há alguns anos e era a miragem dos brasileiros do interior.



J. K. — Prometeu atender ao apêlo de Negrão de Lima: Empréstimo de 3 bilhões de cruzeiros.

lhões de cruzeiros) quantia avultadíssima para a época. O Governo da União (presidente Rodrigues Alves) responsabilizou-se e executou grandes melhoramentos, entre outros, saneamento, abertura de grandes avenidas, entre elas a Avenida Rio Branco, desmonte do morro do Senado e melhoramentos no pôrto. Rodrigues Alves considerava a posição do Rio de Janeiro de tal importância na vida do país que, na sua primeira mensagem ao Congresso, disse textualmente: "Os defeitos da Capital afetam e perturbam todo o desenvolvimento nacional."

Em 1919, era Paulo Frontin o Prefeito que, diante de um "deficit" de 12.000 contos (12 milhões de cruzeiros) era auxiliado pelo Governo Federal, na realização de várias obras, algumas feitas pelo Ministério da Viação, a fim da cidade poder comemorar com o brilho que o fêz, o 1º Centenário da Independência do Brasil, em 1922.

Outro exemplo dessa natureza, vamos encontrar ao tempo do primeiro governo de Getúlio Vargas (Prefeito Henrique Dodsworth) quando em 1940, auxiliou a Prefeitura, resultando, daí, essa magnífica Avenida Presidente Vargas.

● **BEIRA-MAR** — Agora, está a cidade necessitando da realização de obras absolutamente imprescindíveis, as quais estão estimadas pelos técnicos em 6 bilhões e 50 milhões de cruzeiros, assim distribuídos: 400 milhões para a Avenida Beira-Mar, (faixa litorânea) ligando o atêro da Glória às pistas de Botafogo, ao longo do Flamengo e do Morro da Viúva. Essa avenida ligar-se-á à avenida Norte-Sul, através de um elevado sôbre os jardins da Glória e às avenidas Rio Branco, Antônio Carlos e Perimetral, por meio de pistas de tráfego dirigido, ora inferiores, ora superiores.

● **PERIMETRAL** — 430 milhões para a Avenida Perimetral, que começa defronte à Estação de Hidros (Av. General Justo) em elevado, atinge a Praça Mal. Âncora, o Mercado Municipal, Praça 15, dirige-se em direção à Av. Presidente Vargas, passando por trás do velho edifício da Alfândega, chega à rua D. Geraldo, onde, por meio de um túnel através do Morro de

uma das mais difíceis conjunturas financeiras de sua história.

● **MILAGRE, NAO** — Das palavras do Presidente da República divulgadas acima, verifica-se que êle, também, está convicto de que não será possível nem ao sr. Negrão de Lima nem a outro qualquer Prefeito, fazer o milagre de realizar essas obras com os simples recursos orçamentários. Tôda a gente sabe que as verbas globais de Pessoal, manutenção de serviços e obras de rotina consomem tôda a Receita Orçamentária da Prefeitura

ra, não lhe restando recursos para a realização de obras de grande monta. E dessas a cidade não pode prescindir, sob pena de se tornar, dentro de alguns anos, uma cidade inabitável, como já disse o próprio sr. Negrão de Lima.

● **EXEMPLOS** — Marchando em socorro da Prefeitura, o Governo Federal não estará inaugurando nenhum método novo. Em 1903, quando prefeito Pereira Passos, também a municipalidade debatia-se em situação financeira difícil, com um "deficit" de 4 mil contos (4 mi-

ESTRANGULADA

São Bento, atinge à Praça Mauá, ligando-se, por uma rampa, a pista à Av. Rodrigues Alves. Rampa semelhante haverá na altura da Alfândega velha, para a comunicação com a Av. Presidente Vargas, desafogando, assim o tráfego do centro da cidade.

● **PRESIDENTE VARGAS** — 520 milhões para a Avenida Presidente Vargas, (trecho final entre a Ponte dos Marinheiros e a Praça da Bandeira) o que resolverá o acesso à Avenida Radial Oeste, descongestionando um dos trechos mais cruciais, em matéria de tráfego. Dos 520 milhões, 120 se destinam à urbanização do trecho citado e 400 milhões à passagens inferiores.

● **RADIAL-OESTE** — 1 bilhão para a Avenida Radial-Oeste, começando na Praça da Bandeira e, marginando as linhas da Central vai até a rua S. Francisco Xavier, (perto da Mangueira) onde se bifurca. Uma pista elevada, pela encosta de Vila Isabel até atingir a rua Barão do Bom Retiro, ligando-se à rodovia Grajaú-Jacarepaguá. A outra pista (não é elevada) se projetará por numerosas ruas dos subúrbios da Central que vão de S. Francisco Xavier até Cascadura, ruas essas que serão alargadas.

● **NORTE-SUL** — 800 milhões para a Avenida Norte-Sul, paralela à Avenida Rio Branco. Essa avenida liga a Av. Beira Mar à Av. Presidente Vargas, por meio de um elevador sobre o Largo da Glória, rua da Glória, rua da Lapa, área do Morro de Santo Antônio, Largo de São Francisco e, finalmente, rua da Conceição. Estão planejadas passagens de níveis diferentes, no Cruzamento da Norte-Sul com a Presidente Vargas, permitindo atingir-se à rua Senador Pompeu e ligar-se à estação da Central do Brasil por outra via.

● **CATUMBI-LARANJEIRAS** — 2 bilhões e 300 milhões para o sistema Perimetral Cais do Pôrto-Copacabana-Túnel Catumbi-Laranjeiras e Obras de acesso. Começa entre os armazéns 13 e 14, dirige-se



NEGRÃO — Espera o auxílio de J. K. e a autorização da Câmara Municipal, para contrair o empréstimo.

ao Largo de Santo Cristo, alcançando a rua Marquês de Sapucaí, após atingir a garganta entre os morros do Pinto e Providência. Atravessa, em viaduto, as linhas da Central e a Av. Presidente Vargas, (ligação em forma de trevo) chegando à boca do Túnel, após atravessar as ruas Catumbi e Coqueiros. Vencido o Túnel Catumbi-Laranjeiras, o sistema alcança Laranjeiras, seguindo pela rua Pinheiro Machado (alargada) corte da rua Farani até alcançar as pistas de Botafogo e daí, Copacabana e outros bairros da zona sul.

● **TÚNEIS COPACABANA** — 600 milhões para os Túneis Locais de Copacabana, os quais são os seguintes: Toneiros-Pompeu Loureiro, estabelecendo-se, assim uma via paralela à Av. Copacabana, em direção ao centro; Barata Ribeiro-Raul Pompéia, (rua Djalma Ulrich) desafogando o tráfego em direção a Ipanema e Leblon; finalmente, Sá Ferreira-Nascimento Silva, melhorando o tráfego na Praça General Osório e rua Pirajá.

● **EMPRÉSTIMO** — Não precisa ser técnico para aquilatar do valor dessas

UMA CIDADE

ESTRANGULADA



CASTRO MENEZES — Como presidente da Comissão de Finanças, em 1956, elaborou o projeto 37356, autorizando Negrão a contrair o empréstimo. Só o plenário decidirá da sorte desse projeto



GONZAGA DA GAMA — Vereador da maioria, dará parecer

obras. Basta ser povo (tenha-se ou não se tenha automóvel) para sentir a necessidade urgente dessas realizações.

O Prefeito Negrão de Lima está na mesma situação daqueles ex-Prefeitos que citamos nesta reportagem e, por isso, bateu às portas do Governo Federal, visando um empréstimo de 3 bilhões de cruzeiros, não para a realização total do Plano de Obras Urgentes, mas para o seu início e maior andamento possível. Esse Plano, é uma fração do Plano Diretor, cujo custo nem é bom falar; mais de 20 bilhões.

● **GARANTIAS** — Perguntarão: "Se a Prefeitura não tem dinheiro, como irá garantir esse empréstimo?" Resposta: os 100 mil metros quadrados de área urbanizada do Morro de Santo Antônio, produzirão, ao preço de Cr\$ 35.000,00 cada, 3 bilhões e 500 milhões de cruzeiros. Descontem-se 2 bilhões e 500 milhões correspondentes às despesas com essa urbanização, e teremos, aí, um saldo de 1

bilhão de cruzeiros, além da evidência de que as obras do desmonte do Morro de Santo Antônio são auto-financeáveis.

Os 8 lotes da Av. Presidente Vargas, com área aproximada de 6.300 metros quadrados, a 8.000 cruzeiros cada, representarão 50 milhões e 400 mil cruzeiros. Os lotes urbanizados, em terrenos marginais às avenidas Perimetral, Radial-Oeste e Marquês de Sapucaí, respectivamente, 80 milhões, 50 milhões e 70 milhões, somando 200 milhões. Lotes disponíveis na avenida Presidente Vargas e Esplanada do Castelo, para venda imediata, 150 milhões. Cálculo, a grosso modo, da receita oriunda da Contribuição de Melhoria, 2 bilhões de cruzeiros.

Dessa forma, poderá a Prefeitura garantir o empréstimo de 3 bilhões, porque a soma dessas parcelas atinge a 3 bilhões, 400 milhões e 400 mil cruzeiros.

● **AUTORIZAÇÃO** — Mesmo conseguindo do Governo Federal toda a boa vontade na concessão desse empréstimo,

o Prefeito Negrão de Lima, de acordo com a Lei Orgânica, não poderá controlá-lo sem que a Câmara Municipal o autorize.

Enfrentando esse ângulo do problema, o Prefeito enviou àquela Casa Legislativa, no dia 3 de dezembro de 1956, a Mensagem n. 77, solicitando a competente autorização.

O vereador Castro Menezes, que era, na época, presidente da Comissão de Finanças, elaborou o projeto n. 373, de 1956 e o enviou à Mesa, tendo o sr. Pais Leme, então Presidente da Câmara, o colocado na Ordem do Dia. Contudo, esse projeto não foi votado pela Câmara, tendo a atual Comissão de Finanças, tornando a examinar a matéria, concluído pelo seu arquivamento, isso com o voto contrário do referido Castro Menezes.

Dentro do sistema adotado de acabar com o que se convencionou chamar, na Câmara, de "ditadura de Comissões", o sr. Hugo Ramos Filho, atual presidente daquela Casa Legislativa, enviou a ma-



cer favorável na Comissão de Justiça da Câmara Municipal.

HUGO RAMOS FILHO — Com o «Não» da Comissão de Finanças, golpeou a «ditadura das comissões» na Câmara Municipal e mandou a Mensagem 77 aos órgãos técnicos de Justiça e Viação.

téria às comissões de Justiça e de Viação. Os pareceres desses órgãos, segundo declararam ao repórter os relatores srs. Gonzaga da Gama (Justiça) e Amandino de Carvalho (Viação) serão favoráveis.

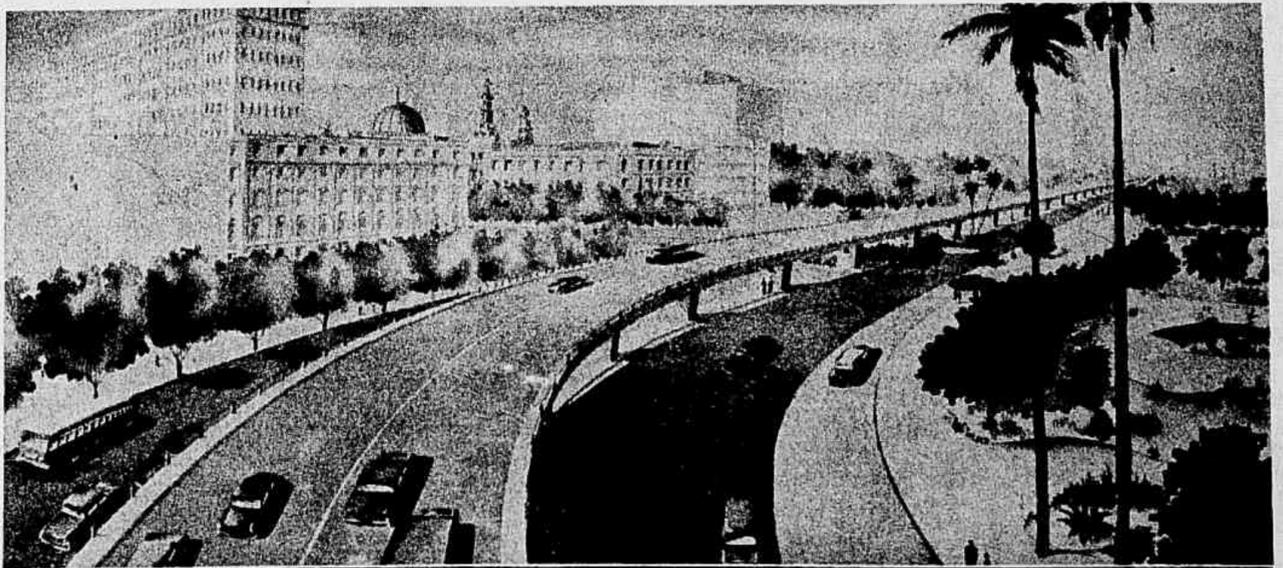
Espera-se para breve a presença desse projeto na Ordem do Dia, cabendo, como é lógico, ao plenário, decidir do seu destino: aprovação ou rejeição.

● **RENDA INDIRETA** — Para terminar esta reportagem vamos citar, na íntegra, um trecho de uma Mensagem de Paulo de Frontin, ao então Conselho Municipal, datada de 1º de julho de 1915. O trecho é o seguinte:

— Penso que todos os esforços devem ser envidados para que a despesa ordinária seja coberta pela renda ordinária da Municipalidade; mas que a execução de "Obras Novas" que produzam renda ou ocasionem o aumento da receita, devem ser realizadas por meio de empréstimos internos e externos, cujo serviço anual de juros e amortização fará parte

da despesa ordinária. É esse o único meio, nos países novos, onde o desenvolvimento é intenso, de conseguir a execução dos melhoramentos que necessitam. O recurso ao crédito é a medida primordial para a realização dos melho-

ramentos materiais no nosso país; portanto, em breve prazo, a renda indireta decorrente de tais melhoramentos corresponderá ao dispêndio com o serviço de juros e amortização dos empréstimos efetuados."



TRECHO DA AVENIDA PERIMETRAL SOBRE A PRAÇA 15 — Por essa pista elevada de alta velocidade, o tráfego se escoará facilmente do Centro da cidade em direção à Praça Mauá e avenidas Rodrigues Alves e Brasil.



A MOÇA DA SEMANA

NANCY MONTEZ, insinuante vedeta do Teatro Carlos Gomes, numa curiosa fantasia de motorista de praça. Fôssem assim os choferes de lotação e outras seriam as «batidas».

CRÔNICA

A RUA É DO LADO DE LÁ

Tempo houve em que o sossêgo do edifício durava até o dia do inevitável abaixo-assinado ao Distrito Policial, contando coisas feias ao sr. Delegado. A surpresa vinha nos convites policiais para prestar declarações e lá se iam os seráficos inquilinos colocados na lista denunciante dizer ao homem da lei que não sabiam de nada e que tudo não devia passar de exagero ou intriga de vizinho inconformado. Essa atmosfera de inquietação a prazo fixo, todo mês acontecendo, acabou quando os edifícios começaram a cair. Certo dia, Mister Eco, ao chegar à janela, notou lá em baixo uma pequena multidão de dedo duro apontando para a parede. Era ali a fenda, o perigo. A ameaça de desabamento estava escrita na rachadura do concreto. Os caminhões saíam pela garagem levando móveis, trastes e quinquilharias. Mudavam-se os mais apavorados com a iminência da catástrofe. E, no êxodo provocado pelo pânico, lá se foram de cambulhada, para gáudio dos sãotomés que ficaram, as autoras dos célebres abaixo-assinados, velhotas solteironas do nono andar. A notícia ganhou os jornais e muita gente veio ver o edifício que ia cair. Há gente assim, sempre desejando assistir à queda de qualquer coisa. Vieram também os homens da técnica, assestaram as perfuratrizes e vasculharam o subsolo em sondagens acauteladoras. Os resultados foram tranqüilizadores. O edifício estava firme e tudo não passou de ligeiro estremecimento no rebôco. Foi bom assim. O edifício voltou à sua calma habitual, agora sem as velhotas do nono andar e sem as denúncias ao sr. Delegado. Outros caminhões chegaram trazendo novos moradores. Veio um compositor popular, veio um cantor de rádio e veio também a «show-girl» de olhos amendoados. Todos recebidos pelo porteiro de riso largo e violão, pingando notas dia e noite, na expectativa de outras notas que morador novo não pode deixar de ter. Tutti buona gente. Calma e tranqüilidade absolutas. Havia, porém, um apartamento ainda vazio até que um dia a sua moradora chegou, precisamente a vizinha do lado. Moça bonita, morena, cabelos longos e negros. O seu apartamento fazia ângulo com a outra ala do edifício, daí todos terem percebido a sua chegada. E mais chamou a atenção quando foi dando mostras dos seus estranhos hábitos. Tinha o agradável costume de trocar de roupa com as janelas às escâncaras, indiferente ao que ia pelo resto do mundo. Mas, quando se sentia observada, não gostava. Amarrava a cara bonita e fazia beicinho. Mas não fechava a janela nem se resguardava. Pelo contrário. Estrilava. Estrilava e fazia ver aos abelhudos que a rua era do lado de lá, que olhassem para o lado de lá... E continuava a trocar-se, de janelas abertas, exibindo a visão panorâmica de suas formas tentadoras.

Até hoje não houve um só morador que lhe seguisse o conselho e preferisse olhar a rua do lado de lá. E ela, muito aborrecida da vida, também não compreende por que. Não há jeito.

★ A presença do Gen. Craveiro Lopes entre nós refletiu-se diretamente na noite vadia, com um alentador afluxo às «boites» e bares em geral, nos quais se assinalaram presenças e encontros nunca d'antes acontecidos. Pois, pois.

★ «Los Chavales de España» é



GEORGE GREEN
No duro.

a atração que o Copa promete para esta semana. Trata-se de uma orquestra de onze figuras e uma bailarina típica espanhola. Todos os músicos tocam totalmente de ouvido e têm constituído grande sucesso nesses mundos a fora. Onze Benés, pois.

★ O bom cantor e bailarino norte-americano do Panamá, George Green, está comemorando o seu sexto ano nestes brasis para ele também amados e continua a ser uma atração no Sacha's e elemento de valor nos «shows» da Night and Day.

★ Coisas estranhas estão acontecendo nos camarins do Teatro Carlos Gomes. Cadeiras se arrastam e mudam de lugar sôzinhas, gemidos e soluços vêm pela noite, tirando o sossêgo do cômico Costinha, que é o mais visado pelo «fantasma». Dizem que assim o «fantasma» se vingará da má qualidade da peça que ali se apresenta, não se sabendo bem por que

a preferência ou perseguição pelo cômico. Deve ter lá as suas razões...

★ Para repetir o êxito da «Noite de Sinhô», a Sociedade Teatro de Arte programa para este mês, no Golden Room do Copacabana Palace, «O Retrato Musical de Eduardo Souto», tema de nova palestra ilustrada com músicas do autor de «O Despertar da Montanha», a cargo do radialista Almirante.

★ Comenta-se que o quadro final da próxima revista do sr. Walter Pinto será «O Incêndio de Roma», o que não é muito aconselhável para a segurança dos espectadores, considerando-se o pardieiro que é o Teatro Recreio, pois não?

★ Confirmando um «furo» desta «Noite Vadia», a moça Neyde Landi fugiu da revista «E' Fogo na Bica» e se foi tôda para Buenos Aires. Deixou, porém, uma carta-circular para os críticos que a elegeram tão sôfregamente «a melhor

atriz do teatro musicado em 56» e, por isso, nenhum reprovou a sua fuga.

★ No lugar onde até bem pouco foi o «Frascati», vai surgir o restaurante italiano «La Fiorentina», sob a direção de Luigi Mecocci, que já tem o «La Rondinella».



MARLY SOREL
De pirolito.

A BOA MÚSICA NA NOITE VADIA



ZACARIAS
Country Club.



BIJOU
Dominó



QUINCAS
«Os Copacabana»



WALDYR CALMON
Arpège.

A ARARA TOPOU

O elenco que, aos poucos, se vai formando para o «show» Mister Samba, próxima apresentação da «boite» do sr. Djalma Monte. Aliás, a Arara sempre fez justiça aos méritos do seu bravo salvador como produtor de espetáculos musicados, pelo cuidado que dispensa aos mínimos pormenores de suas realizações, muito embora combatendo sempre os seus notórios defeitos como condição humana, que são muitos, como sabeis. A contratação de Elizete Cardoso para interpretar as músicas de Ari Barroso é digna de elogios, pelo acerto da escolha.



AS BOAS PEDIDAS — Siris recheados, no Cabeça Chata. — Forchmark no Sacha's. — Paella, no Le Rond Point. — Strogonoff, na Arpège. — Filé Drink, no dito. — Filé Diana, no Club 36. — Salpicão, no La Rondinella.

A ARARA CHUTOU

A bichinha notável, como sabeis, é moça distinta, disciplinada e cumpridora dos seus deveres. Se teve que deixar às pressas o «Banzo-Aiê», a culpa não foi sua. Não pode, pois, passar sem reprovar a atitude da moça Neyde Landi, abandonando sem mais dizer o elenco a que estava presa por contrato e desaparecendo como apareceu, isto é, a jato. A Arara não topa essas coisas, principalmente esse negócio de fugir, sabido como é que a História não fala em fujões... Com todos os pruridos marilynescos, com medalha de ouro e tudo, Neyde Landi vai para escanteio.



GHIARONI — poeta e radialista — responde
PÃO, PÃO — QUEIJO, QUEIJO

O PRIMEIRO ÍNDIO QUE AVISTOU A PRIMEIRA CARAVELA FOI QUEM PRIMEIRO DISSE QUE O BRASIL ESTAVA À BEIRA DO ABISMO. E TALVEZ TIVESSE RAZÃO...



Pão — A poesia concreta tem alguma coisa a ver com o «rock'n roll»?

QUEIJO — Não! Eu não faria ao «rock'n roll» uma acusação tão grave.

Pão — Se, num naufrágio, você só pudesse salvar uma pessoa e estivessem necessitando de socorros a Marilyn Monroe e a Kim Novak, quem você salvaria?

QUEIJO — Na angustiada indecisão, eu morreria afogado. Ou, se conseguisse salvar uma das duas, acabaria morrendo de saudade da «falecida».

Pão — Você já entrou numa «boite»?

QUEIJO — Uma vez, a conselho do meu psicanalista. Meu sub-consciente guardava, da infância, o horror do «quarto escuro», onde um monstro hirsuto surgiria. O diabo é que, no escuro da «boite», o monstro surgiu mesmo, com uma lanterna elétrica na mão.

Pão — E «entrou bem»?

QUEIJO — Não. Sai mal...

Pão — Se tivesse que bater em alguém, «bateria» de automóvel?

QUEIJO — Não. «Bateria» de cozinha.

Pão — A que atribui o desaparecimento dos discos voadores?

QUEIJO — Ao fato de terem eles cumprido a sua missão, que consistia em infiltrar, nos governos terrestres, marcianos com aspecto de gente. Os grandes erros políticos e administrativos que atribuímos à estupidez humana são, na realidade, obra muito bem pensada da sabedoria marciana.

Pão — Quais os sujeitos mais engraçados que você conhece?

QUEIJO — Ari Pitombo, Barreto Pinto, João Goulart, Assis Chateaubriand, Ademar de Barros, Plínio Salgado e muitos outros criadores espontâneos da verdadeira tragi-comédia, ante a qual paramos de chorar para rir e de rir para chorar.

Pão — E os que pensam que são engraçados?
QUEIJO — Todos os palhaços. No circo ou fora dele.

Pão — Quem primeiro disse que o Brasil estava à beira do abismo?

QUEIJO — O primeiro índio que avistou a primeira caravela. E talvez tivesse razão...

Pão — Por que ainda não escreveu uma revista teatral?

QUEIJO — Para que dar a eles ainda uma nova oportunidade de me chamarem de burro?

Pão — Onde você gostaria de viver?

QUEIJO — Em qualquer parte onde houvesse muita honradez, pouca hipocrisia e nenhuma demagogia. E' claro que penso seriamente em mudar-me de país, de continente e de planeta.

Pão — Qual a palavra mais feia da língua portuguesa?

QUEIJO — Subórno.

Pão — E a mais bonita?

QUEIJO — Esperança.

Pão — Você tem algum plano para acabar com a inflação?

QUEIJO — Decididamente. Consiste em todos os brasileiros renunciarem a 20% do seu salário, renda, lucro ou direito autoral. Todos, menos eu, naturalmente, que tive a idéia.

Pão — Você teria a coragem de ser Prefeito do Distrito Federal?

QUEIJO — Não. Sinto-me bem no Rádio e não estou preparado para a Televisão...

Pão — Que se leva desta vida?

QUEIJO — Remorsos.

Pão — E que mais o comove?

QUEIJO — O termos que suar tanto para, num Brasil tão grande, ganhar um «cruzeiro» tão pequenino.

Pão — Por fim: você gostaria de viver em Brasília?

QUEIJO — Sim! E com urgência, antes que o Governo se mude para lá...

PÁGINAS DO GALO BRANCO

• A existência de um estado de alma luso-brasileiro, revelado agora pela visita do Presidente Craveiro Lopes, surge-me como autêntico movimento nacionalista. O nacionalismo brasileiro para ser algo de afirmativo e verdadeiro, para constituir uma doutrina de vida, que o nome de nacionalismo mereça, deve apresentar-se favorável ao enraizamento do Brasil na sua história, nas suas origens, na substância da sua personalidade de país.

O nacionalismo destituído de sentimento, fruto de rancores, de egoísmo, de erros de visão, é uma falsificação, uma mentira, uma fraude, uma negação da nobre e bela idéia de nacionalidade.

O nacionalismo que tem como base única uma interpretação puramente econômica da existência dos povos, o nacionalismo que procura afastar a colaboração estrangeira prolongando o estado de pobreza do nosso povo, esse nacionalismo é uma máscara do anti-nacionalismo, desfibrador, cruelmente falso e perigoso para a segurança da Pátria.

Lembro-me neste momento de Jackson de Figueiredo, há trinta anos pas-

sados, retirando-se de uma ação dita nacionalismo que procurava afastar-nos de Portugal.

É que no conceito do inesquecível homem de pensamento, tão cedo levado dêste mundo, não havia idéia nacional que pudesse excluir a ação portuguesa em nossa terra.

Negar Portugal é negar-nos, é renegar o que há de mais profundo, positivo e duradouro em nossa vida de povo.

Graças a Deus que a gente brasileira compreende isto. O movimento nacionalista de aproximação luso-brasileira se opõe ao nacionalismo negativo, gerador de miséria econômica, e que atenta contra a nossa cultura.

Somos portugueses nós brasileiros. Basta mergulharmos em nossa história, e um pouco mais intimamente em nós mesmos, atentarmos nas idéias e sentirmos integrados na comunidade luso-brasileira e distinguirmos o falso nacionalismo e o verdadeiro; o que nega, o que restringe, o que diminui a nacionalidade e o que a dignifica, eleva e universaliza.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT



Juscelino entrega a Craveiro Lopes a espada de General do Exército brasileiro.



C
U

Rep



O Presidente de Portugal saúda o Brasil. Juscelino responde num discurso escrito. O presidente brasileiro prefere improvisar. Mas o protocolo não o permitiu.

CRAVEIRO E JUSCELINO UNEM AS FÔRÇAS ARMADAS

BANQUETE NO COPACABANA OFERECIDO PELO EXÉR-
CITO, MARINHA E AERONÁUTICA ★ UMA ESPADA FOI
OFERECIDA AO CHEFE DO GOVERNO PORTUGUÊS



Em cima: Craveiro e Juscelino cruzam as taças simbolizando a indestrutível amizade de Portugal e Brasil. Em baixo: os dois Presidentes não puderam escapar aos pedidos de autógrafos.



CRAVEIRO E JUSCELINO UNEM AS FÔRÇAS ARMADAS



O General Lott e o Ministro Macedo Soares.

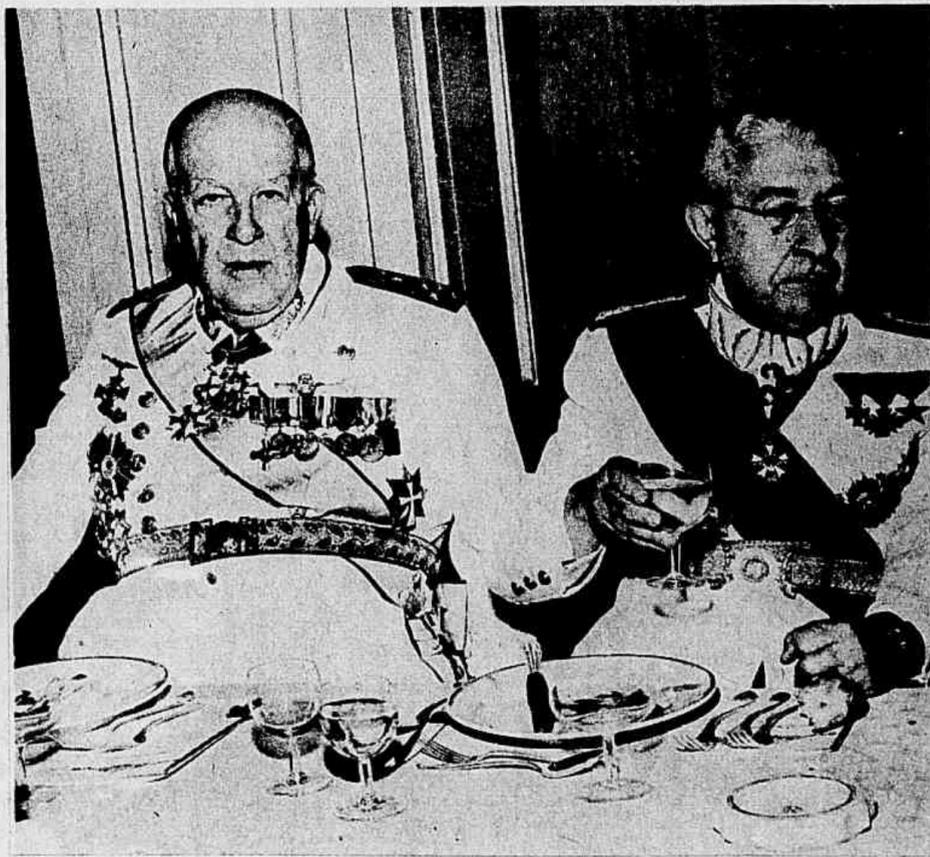


O charmoso filho do General Craveiro Lopes.

• Logo depois da parada houve um banquete no Copacabana oferecido pelas forças armadas. Compareceram os principais oficiais generais das 3 armas. Nestas páginas damos alguns aspectos colhidos pela nossa equipe.



O ainda ministro da Marinha Alves Câmara.



Os Marechais Trompowski e Mascarenhas.

CRAVEIRO LOPES (ex-Vereador)

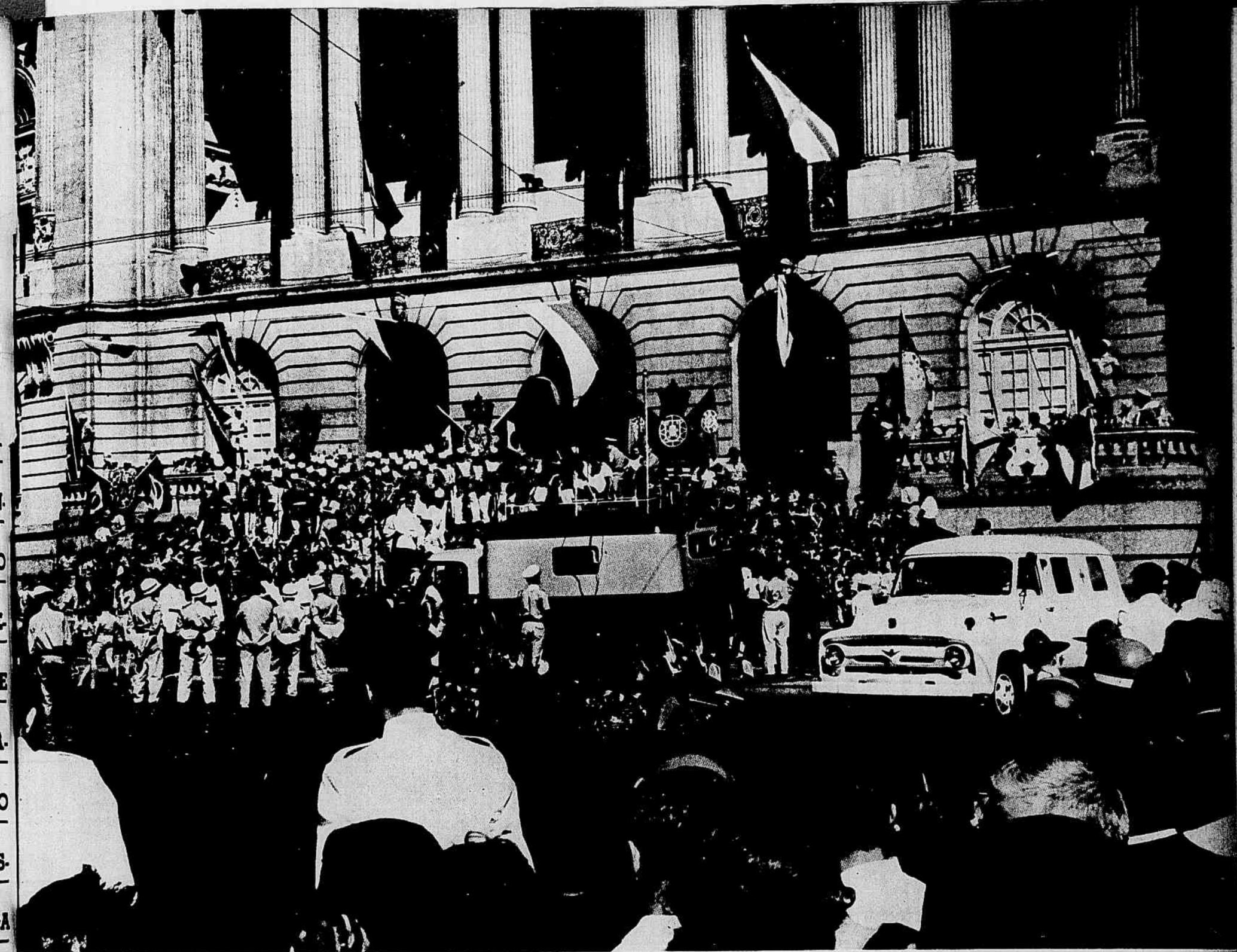
VISITA A CÂMARA MUNICIPAL



O PRESTÍGIO PES-
SOAL DO PRESIDEN-
TE DA CASA, HUGO
RAMOS FILHO LE-
VOU O PRESIDENTE
DE PORTUGAL À CA-
MARA DO DISTRITO
★ GRANDE MANIFES-
TAÇÃO PRESTADA
AO ILUSTRE CHEFE
DE ESTADO LUSO

Reportagem de ELMO LINS

Os dois Presidentes (o de Portugal e o da Câmara do Distrito) se cumprimentam.



Em frente à Câmara Municipal o povo se apinhou para assistir à chegada do Presidente Craveiro Lopes. Em baixo: O Presidente Craveiro em continência, enquanto é tocado o hino nacional. A seu lado o Presidente da Câmara, Hugo Ramos Filho.

● Muita gente se surpreendeu quando a Câmara Municipal foi incluída no programa de visitas oficiais do Presidente Craveiro Lopes. Isso aconteceu exclusivamente devido ao prestígio do vereador Hugo Ramos Filho, Presidente do Legislativo carioca.



Simpática e carinhosa a homenagem que os vereadores cariocas prestaram ao Presidente de Portugal.



Detalhe curioso: Craveiro Lopes já foi vereador em Lisboa, nos seus tempos de moço.



Muito bom e feliz o discurso de Hugo Ramos Filho. O Presidente Craveiro Lopes chorou, e comovido agradeceria as palavras do Presidente da Casa.





D. Sara (elegantíssima) e o Presidente Craveiro Lopes chegam ao Itamarati.



D. Sara, o Presidente Craveiro, Juscelino e D. Berta. Os 4 mantiveram permanentemente um duelo de simpatia. E nenhum dos 4 precisou sair do natural.

CASACAS (emprestadas) CONDECORAÇÕES (falsas)

E MULHERES BELAS (autênticas) RECEPCIONARAM

CRAVEIRO LOPES E JUSCELINO KUBITSCHEK

NO ITAMARATI



DESLUMBRAMENTO. SUNTUOSIDADE. BELEZA. BOM GÔSTO E MUITA MULHER BONITA NO ITAMARATI.

A SOCIEDADE CARIOCA COMPARECEU EM MASSA PRESTIGIANDO A FESTA DO ITAMARATI.





MENOS GENTE DO QUE NA POSSE DE J. K. ★ QUATRO MIL

PESSOAS COM MÉDO QUE A VARANDA NÃO AGÜENTASSE

★ PENETRAS EM QUANTIDADE ★ SERVIÇO APENAS RAZOÁVEL

Fotos de YLLEN KERR, HÉLIO POLITO, JOSÉ DE ALENCAR E WILSON LOPES

• Foi um sucesso o banquete do Itamarati. Muito mais ordem (e menos gente) do que na posse da Presidente Juscelino. Mulheres belíssimas e elegantíssimas. Muita condecoração falsa. Muita casa-
ca emprestada. Muita gente se apertando dentro

de roupas há muito guardadas que voltaram a circular.

O Presidente Craveiro ficou deslumbrado com o banquete. Gostou muito e confessou a amigos que teve uma impressão inesquecível da magnífica noite.

NO ITAMARATI





SOCIEDADE, IMPRENSA, CLASSES ARMADAS, ESCRITORES



MINISTROS E POLÍTICOS COMPARECERAM AO ITAMARATI



HELIO FERNANDES apresenta

FATOS E RUMORES

O sr. Juscelino Kubitschek é hoje indiscutivelmente um homem popular. Suas aparições públicas são marcadas pelo entusiasmo, sua figura (ostensivamente) simpática e suas maneiras simples provocam admiração no povo. Desfilando na Av. Atlântica (com o Presidente Craveiro Lopes) o Presidente da República foi sinceramente aplaudido. Até quando conseguirá manter ou ampliar essa popularidade, é que não se sabe. Evidentemente que isso estaria em função de um bom governo, coisa que ele está longe de poder realizar. O fracasso administrativo de seu período, a leviandade no trato de coisas importantes e principalmente o descaso e o desinteresse que vem demonstrando pelos problemas do Distrito são mais que evidentes. Hoje o sr. Juscelino Kubitschek é indiscutivelmente um homem popular. Mas no rumo que vão as coisas, a saída de S. Ex^a do governo será festejada com missa de ação de graças e banquete comemorativo.

Oscar Niemeyer fará os cenários de "Pedro Mico", peça de Antônio Calado, que será levada pelo TNC. Oscar fez sua primeira incursão no teatro, cenarizando o Orfeu, de Vinícius de Moraes.

O Presidente Craveiro Lopes afirmou a amigos na Embaixada de Portugal, que o discurso que mais o comoveu no Brasil, foi o do Presidente da Câmara Municipal, Hugo Ramos Filho. "Cheguei a chorar", afirmou S. Ex^a.

O coronel Oromar Osório, atual comandante da Polícia Militar, é um homem de primeira ordem. Grande figura do Exército, culto e inteligente. É da absoluta confiança do gen. Lott. Mas é pena que o coronel Oromar não vá demorar muito na Chefia da Polícia Militar. Pois antes do fim do ano será promovido a general e terá que receber outra comissão.

A Fábrica Colombo de doces (inclusive a famosa marmelada) foi vendida a um grupo americano encabeçado pela Kibon. As cifras andaram por casas astronômicas.

O Hotel Glória está sendo pretendido por um poderoso grupo americano. As primeiras sondagens e negociações já foram realizadas.

Nelson Rodrigues falando sobre sua estréia como ator: "Se o público não rir na hora certa, e não reagir com a intensidade devida, reagirei na hora, chama-lo-ei de rebanho de zebus". Espera-se uma via monumental para Nelson Rodrigues.

O sr. Vieira de Melo está tentando violentamente se aproximar do sr. Antônio Balbino. Mas o governador baiano não dá o menor sinal de interesse em tal aproximação.

No dia do jogo Brasil x Portugal, no Maracanã, o espetáculo mais empolgante não foi o jogo, nem a multidão, nem os dois Presidentes. O que mais entusiasmou o público foi a formidável atuação da banda de música do Corpo de Fuzileiros Navais. Treinadíssima, esplêndida, fazendo evoluções complicadíssimas com um acerto impressionante. Os nossos parabéns à excelente banda do Corpo de Fuzileiros Navais.

O TBC, que perdeu 300 mil cruzeiros no recente incêndio, arrecadou mais de 4 milhões só em donativos.

A Agência Nacional está na mais completa miséria. Para a cobertura das festividades da visita do Presidente Craveiro Lopes, foi necessário fazer uma promissória de 300 mil cruzeiros num banco, assinada pelo seu diretor. Esse o motivo do pedido de demissão do diretor Manoel Fernandes.

Até o fim do ano serão exibidos mais 50 filmes nacionais que estão em fase de conclusão. Provavelmente serão outros tantos abacaxis.

O Presidente italiano Gronchi virá ao Brasil em novembro. S. Ex^a visitará o Brasil atendendo a um convite pessoal do Presidente Juscelino Kubitschek.

Flávio Costa volta ao Brasil, e segundo carta que escreveu a um amigo não deseja mais ser técnico de clube. Apesar de conhecerem o texto da carta, América e Botafogo estão interessados na mais famosa personalidade do futebol brasileiro.

Agora que o Presidente Craveiro Lopes está regressando, as demarches para a reforma do Ministério serão intensificadas. Espera-se que o Presidente Juscelino conclua suas sondagens e refaça imediatamente o Ministério. Com esse que aí está não é possível fazer coisa alguma.

A moça é Dalia Palma. A mão é de Nelson Rodrigues. Ele, autor e ator (estreador) de «Perdoa-me por me traíres». Ela, a intérprete principal da peça, que ameaçou se desligar antes da estréia, por causa da violência da ação do ator. O aparecimento de Nelson Rodrigues como ator é a maior sensação da temporada. Depois de se transformar no maior (e mais discutido) teatrólogo brasileiro, Nelson Rodrigues tenta a interpretação. A sua estréia já está marcada pelo caráter polêmico que imprime a todos os seus atos e atitudes.

etácul
os de
ormid
os No
mplic
rabé

adio, M

Para a
raveira
uzeiro
pedido

cionai
outro

embro
do Pre

eveu a
sar de
interes-
ro.

ndo, as
icadas
dagens
stá não

drigues.
raíres.
desfiga
ator. O
ior sen-
maior (e
s tenta
caráter
s.

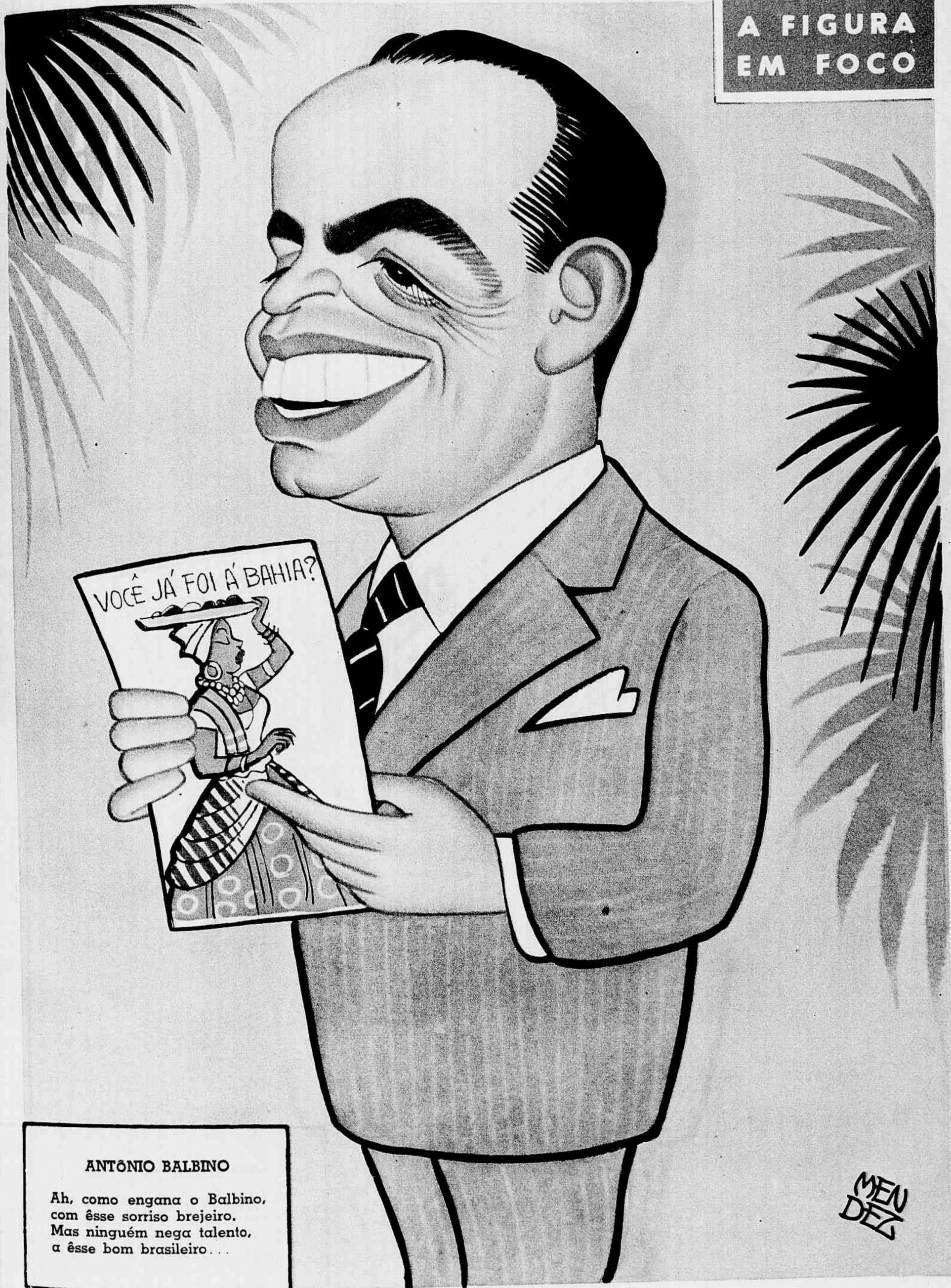




**D. BERTA CRAVEIRO LOPES
DOMINOU OS BRASILEIROS**

● Esta é a senhora do Presidente de Portugal. Rivaliza em charme e simpatia com seu marido. Encantou e dominou inteiramente os brasileiros. Se quisesse ficar por aqui seríamos capazes de restaurar a monarquia pelo prazer de chamá-la de rainha. Mas como vai embora, leva a nossa admiração, a certeza de nossa amizade, da nossa ternura e do nosso carinho.

A FIGURA
EM FOCO



ANTÔNIO BALBINO

Ah, como engana o Balbino,
com esse sorriso brejeiro.
Mas ninguém nega talento,
a esse bom brasileiro...

MENDES



ela... ele... e

cigarros

hollywood

uma tradição de bom-gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ

